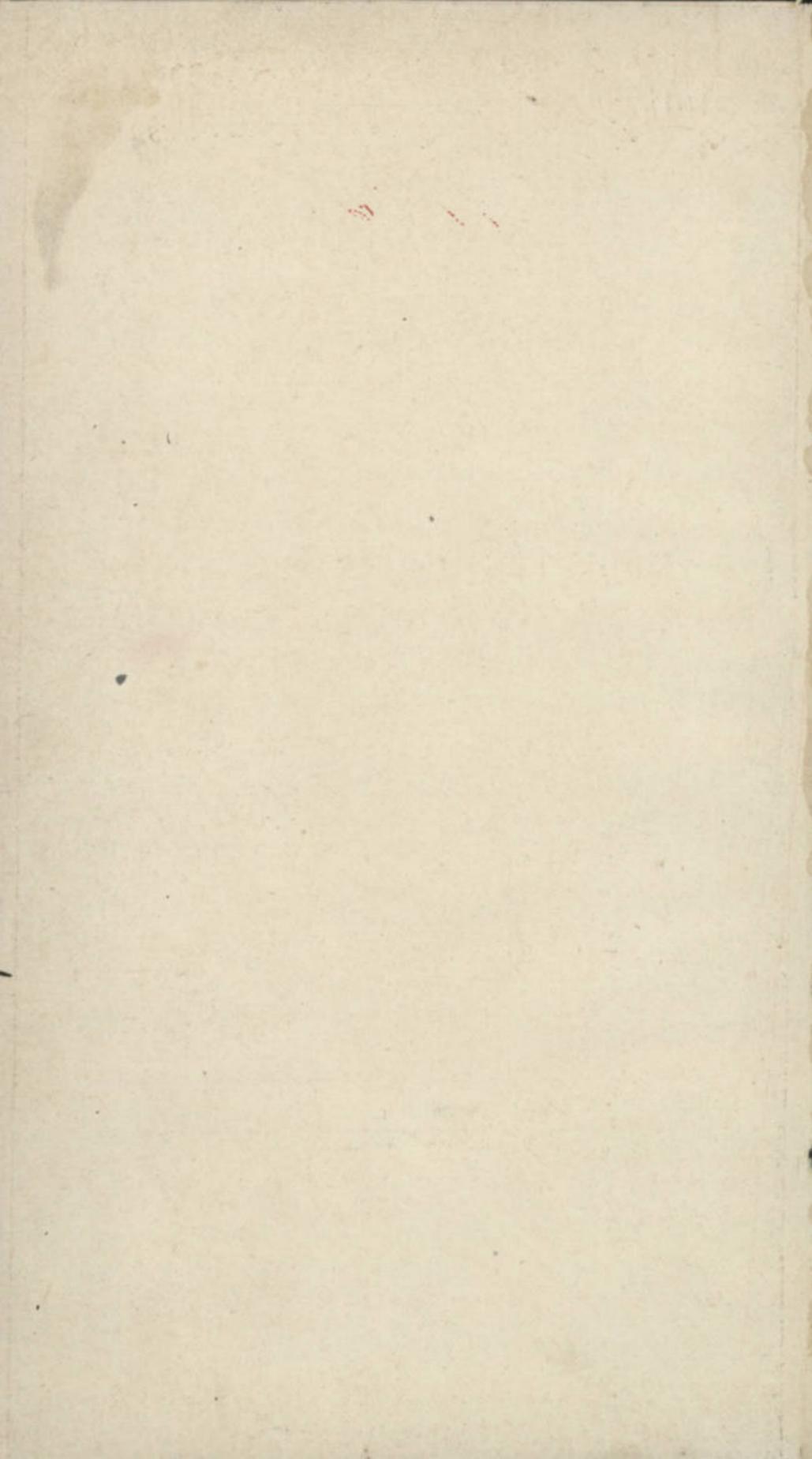


Maria de Eça O'Neill.

Nimbo

8  
Biblioteca editora  
Luísa Cavares Cardoso  
5 LARGO DO CAMÕES 6.



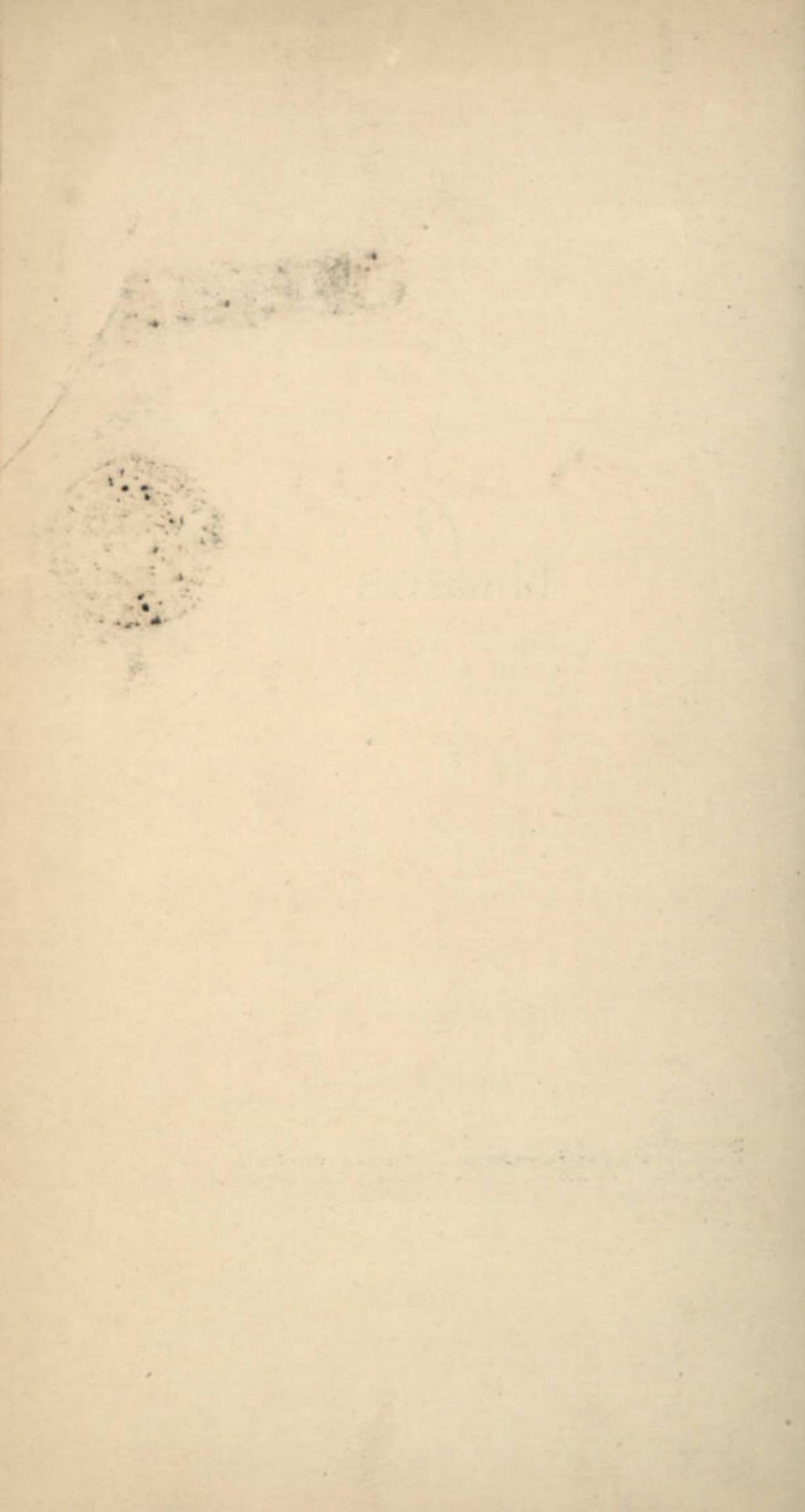
*L*

---

*11868*

# NIMBOS

Proprietaria — A Autora.  
Editora — VIUVA TAVARES CARDOSO — 5, Largo de Camões, 6.  
Composição e impressão, Typ. de Francisco Luiz Gonçalves,  
T. do Sequeiro das Chagas, 16-A. — Lisboa-1908.



11868  
Maria d'Eça O'Neill

OFERTA

# Nimbus



Com prefacios de

Raymundo Antonio de Bulhão Pato

e

José de Souza Monteiro

1908.

Livraria Editora

VIUVA TAVARES CARDOSO.  
LISBOA

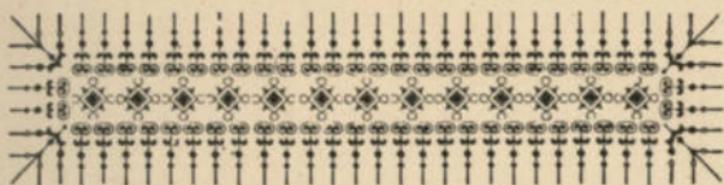


PREFAGIANDO



## **Cartas ao editor**





Maria O'Neill, acurtando-lhe os appellidos illustres, desornando-o dos seus legitimos titulos, este nome é porventura mais distincto ainda. Maria O'Neill.

Tinha pouco mais de seis annos quando a vi pela primeira vez; hoje está na flôr e na força da vida. Foi na praia da Trafaria, sempre ao lado do avô, o velho general que fôra um lindo e valentissimo rapaz, quando era ajudante de ordens de seu primo o famoso Xavier, conde das Antas, nos dias para sempre assignalados das luctas sangrentas da liberdade. Maria O'Neill, sobre as areias d'oiro d'aquella praia, na viveza do animo prenunciava já o que havia de ser, o que é, passada a infancia e a adolescencia.

Nos olhos garços fuzilava-lhe a mesma luz que nas subitas cambiantes, com singular poder atrahidor, reflecte a sensibilidade do coração e o vigor do espirito. Sem minimo conhecimento

da rima e do metro, os versos saltavam-lhe da boca pueril e expressiva como da garganta dos passaros rebentam os gorgeios cadentes, quando a primavera palpita nos prados esmeraldinos, nos pomares floridos, nas balseiras sombrias.

Não ha escolas, com as suas correntes por mais poderosas, capazes de apagar o que está na alma e no sangue do homem.

A poesia do amôr hade existir no maximo gráo da civilisação futura como viveu nas edades ingenuas. Em plena vida basta um efluvio para nos transportar, na ancia voluptuosa da paixão, por momentos milenarios, a commoções sobrehumanas.

Quem não estremece aos nadas do sentimento será um sabio, um benemerito ; um artista nunca jámais será.

A's vezes, a onda pesada e negra da descrença, cáe sobre os poetas. Então, ainda os de ge-

nio, com todos os seus relampagos deslumbradores, herdado aos corações que mais os admiram a nuvem taciturna e asfixiante da hypochondria.

Eu sei que *el mundo tiene cosas bien estra-larias!*

Mas como isto é viagem, o marinheiro tem obrigação, nos desgarrões da tormenta, de não largar o leme, e de marear o barco com o resto do panno, até arribar ao porto da eterna paz.

Maria O'Neill, nas suas composições prima mantendo sempre a simplicidade e correcção pouco vulgar. A lingua, nas locuções flexiveis e graciosas, é corrente, elegante e moderna.

Na sua arte, como hoje se escreve, os movimentos lyricos não são exagerados; foge a carregar o estilo com demasiados enfeites e esquivava-se a tintas flammantes. Assim o diz no

delicado e encantador soneto com que abre o seu livro.

Mas eu prefiro espesso nimbo ao dia.  
Namora a philomela a balsa escura:  
Se alguma luz seu descantar procura,  
E' a luz da lua—desmaiada e fria...

E não vão a morte-luz os seus quadros ; antes a luz, admiravelmente distribuida, aviva os rapidos lampejos de momentos felizes, fazendo resair d'esses primorosos quadros, a mancha negra e inevitavel da tristeza humana.

*Nimbos*, com serem nuvens sombrias são tambem traços de luz. Que aureola de graça e sentimento, no rithmo e na forma, circumda este delicioso soneto.

Quando transborda o peito de amargura  
E terra e ceus, em desespero, odeia,  
Quando o espirito já nada receia  
É o corpo almeja a paz da sepultura:

Na febre infrene que o ciume ateia,  
Sem pranto, pois seccou-mo a desventura,  
Sem uma esp'rança ter, por não ter cura,  
Sem fé, que o inferno a tira em quem faz preia.

Já teria morrido se não fosse  
Teu rostinho infantil onde olhar doce  
Minh'alma inunda de alegria sã.

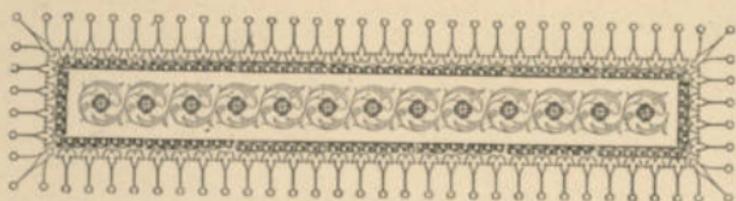
Tudo esqueço se ris ou soltas gritos  
E me cinges nos braços pequenitos  
Balbuciando inda mal—mamã, mamã.

Se me atrevesse a alongar esta carta quantas coisas vivas, em diversos generos, teria para citar.

Termino, saudando a auctora dos *Nimbos* pelo seu elevado talento e felicitando-a pela sua primorosa estreia.

Monte de Caparica, Torre.  
Setembro, 1907.

*Bulhão Pato.*



Antevejo e antegosto o prazer que lhe vou dar. Trago, com o consciente jubilo que adivinha, pérola d'engenho e de sentir subido que descobri, que descobri ! que vi nascer, formar-se, crescer, luzir, como hoje luz.

Eu, reconheço-o e confesso-o, posso, no caso, estar sujeito a suspeição, a suspeição, entenda-se, que não me deslustra a rectidão do juizo, — nem á minha apresentada, lhe desvanece os meritos reaes. O leitor desenganado, ou tanta vez enganado tristemente, pudera de feito crer, com manifesta offensa da verdade e da justiça, que as duas circumstancias que vou expôr me teriam apertado nos olhos da alma — que não são como os do corpo e veem assaz bem, louvado Deus —, embora adelgaçada, uma venda — que não tenho.

São as seguintes essas circumstancias. Em primeiro logar : conheço-a desde muito peque-

nina. Lembro-me, e muito bem, da primeira vez que a vi. Estava retrahida, amuada, ennovellada, quasi intratavelmente ouriçada, ella de natural alvoroçado e travesso, ao collo do avó materno, que eu e todos tanto e tão merecidamente presámos sempre, que a adorava já e que ella veio depois a adorar tanto. Queimara, por infantil birrinha, o pésinho alvo como a flôr do linho, irrequieto e nú, no ferro que em mãos prudentes de creada amiga, lhe passava a roupa de vestir. Mal começava a empenujar a futura philomela. Teria então um anno. Como esse quadrinho me sorri por entre as nevoas, em que não faltam lagrimas, d'um passado, como todo passado em que canta mocidade, saudosissimo ! Nunca desde então deixei de a ver e de querer-lhe. Meu affecto cresceu *pari passu* com ella ; fez-se, quanto seu engenho, vivo e forte.

Deduzo a segunda suspeição. Vale, na realidade, o infinito nada da primeira ; na apparencia, um pouco mais talvez.

A ninguém, a ninguém pelo menos de olhar seguro e agudo, escapará por certo que na dicção e rimas deste são talento — estou, com dureza para a minha penna e para o meu affecto, estrangulando a adjectivação que brota de ambos e em que sou, é sabido, sempre sobrio — acode logo a quem lê alguma cousa minha. Tudo que pôde dar e dá de feito o conselho, o exemplo, que é outra e talvez mais certa forma de conselho, a lição, o reparo, a admoestação, é n'ella meu. Isto affirmo, pois me ufano d'isto. Ella usa chamar-me mestre, por saber que este tituló reverente e amigo, amigo principalmente, me alegra e desvanece. E mestre lhe fui por certo desde que lhe entrou a bruxuliar o engenho ; e nella entrou a bruxuliar bem cedo. Não

sei de ninguem em quem mais cedo elle amanehesse. Nem sempre a precocidade é falaz prenda. Foi precoce o Tasso; foi precoce o Mozart. E' muitas vezes dotè para registo e applauso: quando prenuncia e precede outros: como nella.

Ainda recordo o susto, o sobresalto, a duvida que essa precocidade me causou. Um dia — não me lembro, ainda mal, precisamente quando, tantos vão em seguida renque, nem sempre illuminada e alegre, devolvidos sobre esse que não esqueço — poz-se-me a cantarolar defronte em sabidissima toada, com a vizinha esganiçada e incerta, quadras na feitura e no sabor, mas não na procedencia, populares. — Quem te ensinou isso? perguntei. Fitou subitamente em mim seus olhos, já então amplos e claros como a luz e a alma della e, com ingenuo pasmo da pergunta, me tornou: — Nin-

guem! — Fizeste-os tu?! repliquei sentindo em meu dizer alguma duvida, mas na alma sómente muito anear que fosse vã tal duvida. — Fiz, —volveu e desatou a correr fugindo-me; talvez meio envergonhada, meio despeitosa em seu pequenino coração, da minha duvida que se lhe figuraria mal soante e pouco amiga. Porque não seriam d'ella as cantaroladas e duvidadas trovas? Fizera-as tão facilmente!

Contei o rapido episodio a uma tia da infantil improvisadora. Disse-lhe o que lhe ouvira e duvidara. Sob o seu agudo olhar, protector e amigo, na forçosa ausencia da extremosa mãe, crescia e se fazia o muito que hoje é e o mais que amanhã será, a minha despeitada colleguinha. Desfez-me a illustre senhora a duvida. Nunca me mentiria seu subido e altivo coração, sem embargo d'immensamente affectuoso para o amigo objecto de minhas infundadas duvidas.

Deixei pois de duvidar, e bem fiz. A querida avesinha, embora quasi implume pipilara, como aquellas, muitas trovas. Philomela, antes de encher com os quebros e requebros de seu canto arguto as verdes sombras e solidões sagradas, papea mal ouvida na umbratil tepidez do ninho, emboscado nos silencios do choupal nativo. *Qualis populea moerens Philomela sub umbra*. Aquelle papear era o precursor dos dobrados e redobrados gorgeios em que tinha de desatar-se um dia a nossa balbuciante philomela.

Sobre este dom que é alguma vez — foi com respeito aos dous summos artistas que citei — indicio de alta predestinação, só outro apontarei dos que esmaltam a minha apresentada perola. E abalanço-me a apontal-o, pois é difficil que o preveja quem della vir somente os versos que della se publicam hoje. Que sabe e logra metter o coração nos versos ou os versos no cora-

ção, que Deus fez largo e bom, onde os demo-  
ra, aconchega, retempera e apura, para mais  
pronto se embeberem em nossos corações, não  
se contesta. É o coração que depois nol-os en-  
via,—sente-o levemente o nosso —bem sabe o que  
são lagrimas de que elle ás vezes, o pobresinho !  
se nos mostra tão repassado quanto da nocturna  
chuva as pobres asitas tiritantes do amorinho de  
Anacreonte.

Mas a par deste coração que chora tanta vez  
e alguma sangra até, de paredes meias com  
elle, embora a elle tão alheio que nem tenues  
vestigios se nos deparam nos versos deste livro,  
existe um dom que nem sempre por extremo  
préza nosso coração, mas que em muito, de or-  
dinario, aprecia nosso espirito. As proprias al-  
mas onde mais se espelha e se debuxa o ceu se  
deixam entrar ás vezes de malicia ! Se philome-  
la sabe chorar, sabe tambem rir e ri. Tem fle-

bil, humedecido o canto do divino orvalho que vem não sei de que fundas funduras da alma aos olhos maguados ; mas tem-o tambem petulante, motejador e garrulo, E' sentido e bom ; mas de longe em longe, dicaz, maldoso. Assim da antiga o creram e disseram os antigos. Nos versos satyricos da autora dos *Nimbos* silvam, quanta vez ! agudas e certeiras ironias, passam, a morder, sarcasmos, que a indignação de Juvenal, fautora declarada de seus versos, não ousara desdenhar.

As caricaturas de sua penna pela agudeza e precisão do traço, pela precisão e agudeza da observação segura, accordam certo, pronto, vivo o riso em—quem não seja o attingido objecto dellas. Com meu conselho, porém, não as trará a lume, embora sejam do melhor que tem. Contentem-se com a consciencia e posse dessa força. Abstenha se do aspero e publico exercicio del

la. Prefiro que á sua musa pareça faltar pulso para manear tagantes e só lhe sobejarem dedos para entretecer os rhythmos e rimas de seus versos flebeis.

Se a ferirem - não a ferirão—faça o que não raro faço: cale. Nos desdens altivos do silencio tem-se o melhor despique. Quando me latem a distancia miudas invejinhas que mal sinto, olho e passo. Ha piedade, mas não ha só piedade em meu silencio:

*Le gibier du lion ce ne sont pas moineaux.*

Nem pardaes, nem gamellas e cervatos, ou cachorros de javali de colmilhos falsos. Nunca a mim, me requestaram com o dente esfomeado as pantorrilhas senão enfezados cachorriños de javardo apocripho. A ella, deve succeder-lhe o mesmo. Pois bem! segregue da al-

ma—não lhe falta—desdem que farte e envie-o  
a esses

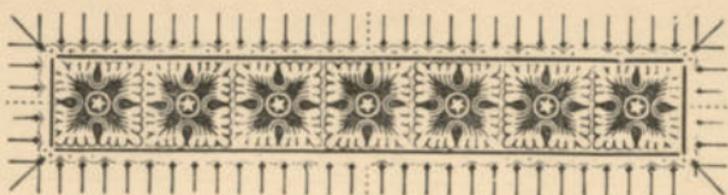
*esprits du dernier ordre  
qui n'étant bons à rien cherchent surtout à mordre.*

Do muito, do muitissimo que tinha para, n'este grato assumpto, dizer, direi apenas isto. Expliquei já o porquê desta abstenção custosa. Nos mestres, como nos paes a gloria de seus filhos, se reflete a gloria dos discipulos. Douralhes vivamente a alma, acaricia-lhes meigamente o coração.

J. DE SOUSA MONTEIRO.

## Dedicatoria

*A' aquellas que perdi  
e a um que, ainda vivo,  
me foi e será sempre  
a mais segura luz.*



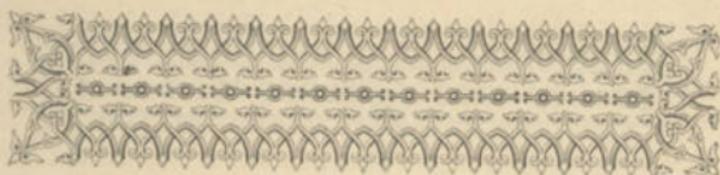
## Nimbos

Vestem nimbos o céu de negro manto  
Que se desfaz em chuva, como invade  
Ao triste coração funda saudade,  
E todo o inunda de pesado pranto.

Alheia dôr transborda-o de piedade,  
Magua de amigos de pezar, e tanto  
Que se embebe de lagrimas seu canto,  
Como de nimbos ar de tempestade.

Irrompe em nesga o azul de longe em longe ;  
Bocca a sorrir em macerado monge,  
Mas eu prefiro espesso nimbo ao dia

Namora a philomela a balsa escura :  
Se alguma luz seu descantar procura  
E' a luz da lua — desmaiada e fria...



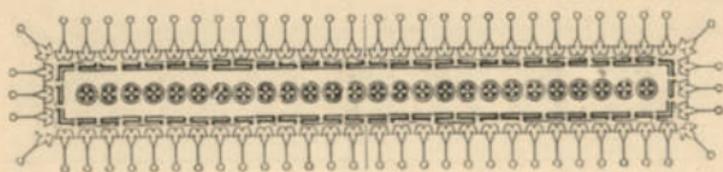
## Ao leitor

Ha natural tristeza nos meus versos  
E d'ella brota ás vezes a poesia :  
Lembram-me os tons suaves e diversos,  
Que tem o ceu quando esmorece o dia.

Recolhi n'um volume os ais dispersos  
De mais d'um coração que em mim confia,  
Por não ficarem sempre em dôr immersos  
Dei-lhe de quando em quando uma alegria.

Do homem tentei pintar os crus tormentos  
N'uma grande paixão contrariada  
E mostrar da mulher os soffrimentos

N'esta vida em que é tudo e não é nada.  
Leitor, pouco te agrada ler lamentos ?  
Finda a leitura aqui : é bem findada.



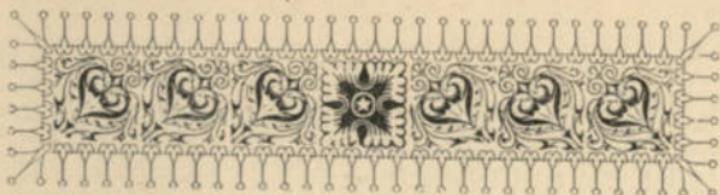
## Um sonho

Sonhei que me mataste e tive pena  
Da dôr que de fazê-lo sentirias...  
Não te rias, meu anjo, não te rias,  
Nossa alma pode, se de affectos plena,

Olhar a morte impavida e serena  
E succumbir a alheias agonias.  
O mais pungente d'essa triste scena  
Era, acredita, vêr que padecias.

Tendo-me morto tu depois choraste...  
Ouvi-te, alli, sem me poder mover  
Sentindo em dor o coração estalar!...

Sonho maldito que o senhor affaste :  
Têr-te junto de mim, ver-te soffrer  
E não ter vóz para te consolar.



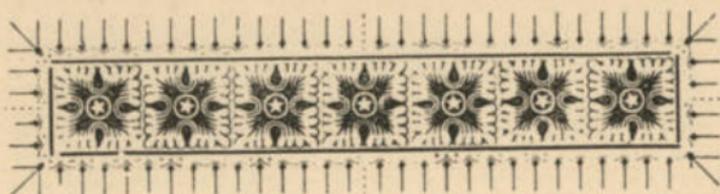
## Deo Sacrificium

Tu me déste, Senhor, e tu me tiras  
A filha que a mim junto enregelada ;  
N'uma prece minh'alma espedaçada  
A Ti se dá, para que mais a firas.

Não te louvo em meu canto ao som de lyras  
Nem me arrasto nos templos ajoelhada,  
Mas acceito da filha tão amada  
O passamêto sem clamor nem iras.

Feliz d'ella, feliz, que não pousou  
Seu breve pé no trilho emmaranhado  
Que tanto e tanto ser tem transviado.

Mas ai de mim que em trevas me deixou !  
Que d'este amor por Ti, e do meu estado  
Fálle a Virgem que o filho amortalhou.



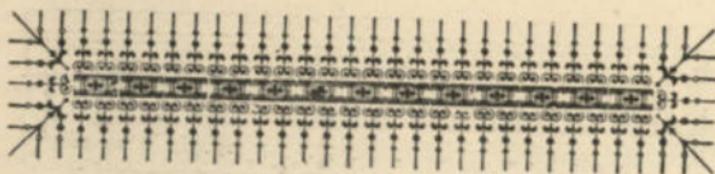
## Bulhão Pato

Cantor da natureza, exuberante a excede  
Em vida, traço e côr no seu *Livro do monte*.  
Ninguém melhor do que elle os seus encantos mede  
No ramalhar do ulmeiro ou murmurar da fonte.

Do proprio coração, a quanto escreve, céde  
O vivido pulsar ; porque se dôa e affronte  
A turba juvenil, que enregelada pede  
Em mortal desalento onde recline a fronte.

Se a côma é côr da neve, o olhar é sol ardente,  
Em que esplende o fulgor de eterna mocidade,  
Desassombrada e bôa, alegre, ativa e crente,

Que ora sorri á vida ou dá pranto á saudade.  
E' claro que se quiz do campo a vastidão  
Foi por ter paralelo ao grande coração.



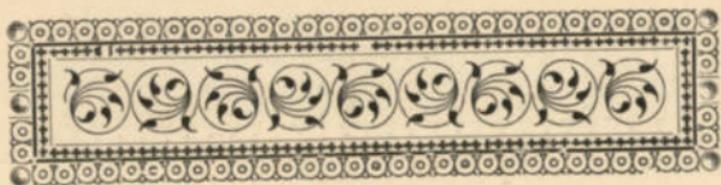
## Ho mestre

Do cadeirão dourado, ao estofo côr da neve,  
O rei de Portugal inclina a fulva cômá,  
Folheia D. Manoel scenas da antiga Roma,  
Emquanto o Pae lhe diz : Ninguem melhor descreve

Nem usa com mais garbo o nosso rico idioma  
Póde, conhece-o, e dil-o. — E' puro axioma.  
— Hei-de provar-lhe o meu apreço. — E deve.

Mas n'isto sobre a peanha em ouro e tartaruga  
Julga D. Carlos vêr que ao Dante de Carrára  
Ironico desdem o niveo labio enruga.

Mostra-o sorrindo ao filho:—olha-me attento aquelle:  
Nota que se hei vassalo a que devo honra'rara  
Não hei graça ou louvor que sejam dignos d'elle.



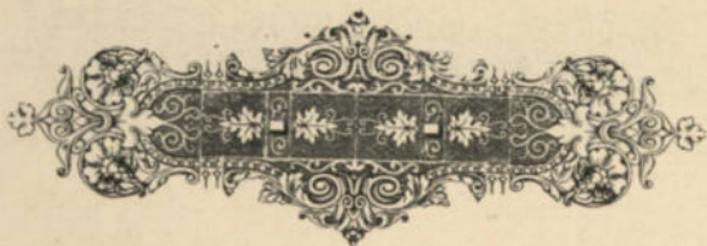
## Zelos

Tu ris! e na minh'alma esphacelada  
Chóra e espuma, a raiva do ciume  
E da tua alma a imagem adorada  
Quero apagar com afiado gume.

Mas s'inclinas n'este hombro a fronte amada  
Toda me envolves no ardiloso lume  
D'esse olhar que me traz avassalada,  
Não ergo contra ti nenhum queixume,

Sou como a mãe co'o filho pequenino  
Sempre prompta n'um beijo a perdoar  
Por grande que haja sido o desatino.

Porém quando te affastas do meu lar  
Vejo quanto é medonho o meu destino  
Que seria piedade terminar.



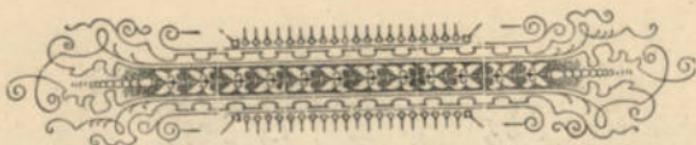
## Resoluções

Posso!... quero!... e não vou. Vergada ao soffrimento  
Que ora se abate ao pranto, ou d'alto, em raiva espuma  
Pareço um choupo nú que em vão sacode o vento  
Embora lhe arrancasse as folhas uma a uma !

Posso, quero, e... não vou. Que a vida se consuma  
N'este vai-vem de dôr, semelhante ao tormento  
D'avesita que em vida um ser cruel despluma  
Deixando-a sem abrigo ao corpo friorento.

Posso ! Que viver morta é bem peor que o nada  
E na morte completa... ainda tenho fé...  
Quero ! Não verei mais a sua face amada :

Eu sinto força em mim para morrer de pé.  
Não vou : Se junto d'elle a vida é desolada  
Se d'elle me afastar... nem vida ao menos é.



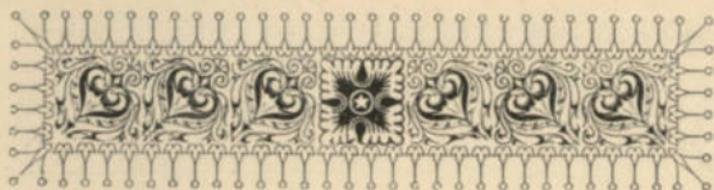
## Na vida

Páro cansado a meio do caminho  
Por onde tanto sêr jurou seguir-me :  
Nas trevas do revolto torvelinho  
Nem um vulto sequer — por iludir-me.

Tanta fé, tanto amor, tanto carinho,  
Tanta promessa, tanta tenção firme  
Tudo, tudo tentou, logrou fugir-me  
No eterno esquecimento — Eis-me sósinho !

Sósinho, não : que em lugubre cortejo  
Os meus olhos no trilho percorrido  
Entreveem perfidia, affronta, pranto.

Na senda por trilhar inquirio e vejo :  
Dôres sem conto de haver mal vivido  
Perdão nenhum — tendo soffrido tanto !



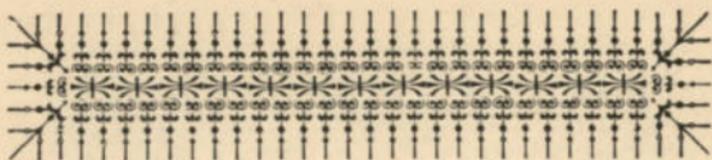
## O meu sol

Quando transborda o peito de amargura  
E terra e ceus, em desespero, odeia,  
Quando o espirito já nada receia  
E o corpo almeja a paz da sepultura,

Na febre infrene que o ciume ateia  
Sem pranto, pois seccou-mo a desventura  
Sem uma esp'rança ter, por não ter cura,  
Sem fé, que o inferno a tira em quem faz preia,

Já teria morrido se não fosse  
Teu rostinho infantil onde olhar dôce  
Minh'alma inunda de alegria sã.

Tudo esqueço se ris ou soltas gritos  
E me cinges nos braços pequenitos  
Balbuciando inda mal-mamã, mamã.



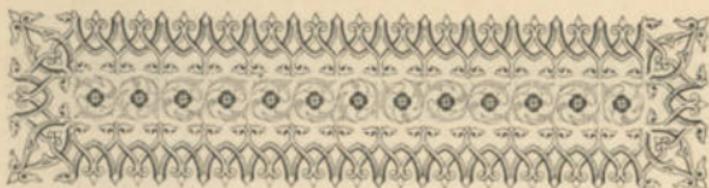
## Quando eu morrer

Meu doce enlevo, quando á sepultura  
Esta alma der o corpo fatigado,  
Não te julgues por mim abandonado,  
Nem que tudo acabasse a morte dura.

Attenta ao pé de ti, bem a teu lado,  
E sentirás o alento, amor, ternura,  
D'um ser eternamente apaixonado  
O qual sem ti nem mesmo o ceu procura.

Em vez de se soltar na immensidade  
E de voar radiante aos pés de Deus  
Minh'alma, em te seguir sempre constante,

Enleva-se na luz dos olhos teus.  
Porque todo o esplendor da eternidade  
Desmaia, offusca um meigo olhar amante.



## Partiste esta manhã

Partiste esta manhã e já parece  
Que ha mais d'um anno me deixaste, querido,  
O mal de teus aggravos não guarece,  
Mas pelo d'esta ausencia ainda é excedido.

Phrases tuas a mente me fornece  
Que bastavam a ter-me enlouquecido,  
Se o teu pouco affecto não me houvesse  
Por tanta dôr ha muito empedernido.

Emquanto ao longe és d'outra enlevo e amante  
A' força de te ter em mim presente  
Não posso acreditar que estás distante

Chóro do nosso amor o desencontro  
E, correndo a cidade, em toda a gente  
Te julgo ver, mas em ninguem te encontro.



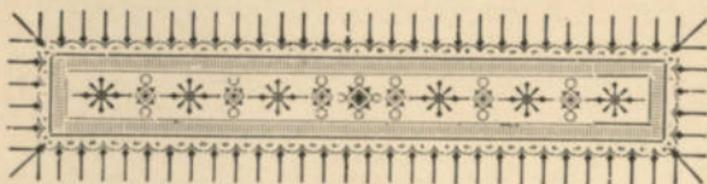
## A meus filhos

Se o coração, da vida no caminho,  
Tem sentido por vezes amargura,  
De sol um raio vem doirar-lhe o ninho  
Feito de paz, de amor e de ternura :

E' de nossos tres filhos o carinho,  
Que é todo o nosso bem, nossa ventura :  
Não esquecerão por certo, o par mesquinho  
Quando elle houver baixado á sepultura.

Então saudosos contarão aos netos,  
Sorrindo á meninice tão distante,  
Como ambos os cercavamos d'affectos.

E atravessando o espaço rutilante,  
Invisíveis aos olhos indiscretos,  
Entre elles, nós seremos n'esse instante



## Lamento d'um inconstante

### I

Chorae, meus olhos, porque só no pranto  
Allivio encontra esta alma atormentada,  
Chorae, meus olhos, chorae tanto e tanto  
Que por chorar já vos não reste nada.

Chorae que o pranto da saudade é santo  
Até na consciencia maculada ;  
Tem a doçura mystica do canto  
Que rebôa na Igreja despovoada.

Chorae, meus olhos, que a razão insiste  
Que o bello é ficção e em nada existe,  
Fel terá tudo quanto vivo fôr.

Sêr ! palavra em que todo o mal consiste  
Porque onde elle existir, existe o amor.  
Ai ! como ter de ser é triste !... triste !...

## II

E eu fui ! Amei, amaram-me, vivi.  
Libei da vida requintados gozos.  
Tudo provei, ouvi, quiz ver e vi :  
Aspirei os perfumes mais custosos.

Busquei gentis e nas gentis colhi  
Caricias mil em braços voluptuosos.  
Todas porém deixei quando cedi  
D'um olhar verde aos raios luminosos.

Amar, soffrer, chama-se a isto vida  
Um labutar, uma constante lida,  
Morte sem treguas, que a morrer resiste,

Mas que nos gasta com cruel furor  
Onde achar ser que desconheça a dôr ?  
E ter de ser... ai como é triste !... triste !...

### III

Ria-me nos seus olhos uma aurora  
De amor, gloria e prazer, quasi divina.  
Julguei seguir na vida a toda a hora  
O gesto altivo d'essa mão franzina.

Enganei-me que tudo quanto mora  
Em peito humano breve se arruina,  
E o que n'uma manhã o enamora  
Ao vir a tarde ás vezes abõmina.

Comtudo amei-a d'um amor violento,  
Bebi-lhe o coração nos labios bellos,  
Queimei-lhe sangue e alma a fogo lento !

E desse ardente amor o que subsiste ?  
Uma loura madeixa de cabellos.  
Ai como ter de sêr é triste !... triste !...

#### IV

Cansei-me um dia d'esse immenso affecto  
Lancei-a, como as outras, ao caminho.  
Qu'importa á garça o pequenino insecto,  
Que vem poisar á beira do seu ninho !

Que importa á laranjeira humilde feto,  
Que á sombra lhe cresceu ? Q'importa o espinho  
A quem colheu a flôr ? Tornei-me abjecto  
Toldei-me de palavras qual de vinho.

E, sem piedade sem sequer pensar  
Que espedaçava um coração tão meu,  
Mostrei-lhe as illusões do verbo amar,

Que nunca muito tempo me prendeu.  
Chora, supplica, por ser minha insiste,  
Ai ! como ter de ser é triste !... triste !...

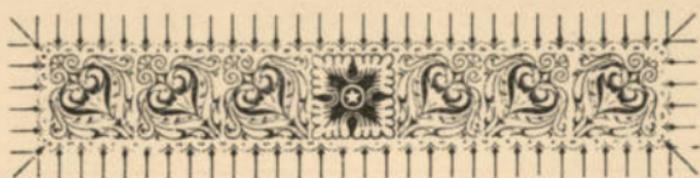
V

Não a escutei ; parti ; fui n'outra terra  
Buscar de novo novas sensações ;  
Mas desde então vivo comigo em guerra  
Por ter só n'ella as minhas seduçõs.

Póde a minh'alma, e, em esquecimento enterra  
Da louca mocidade as vis paixões ;  
Mas quanto amor a natureza encerra  
Revibra em mim a taes recordações.

Quizera vçl-a um breve instante apenas,  
Beijar-lhe os labios, que inda sinto meus,  
Arrancar d'alma o vasto mar de penas,

Que contra o meu desejo em mim persiste.  
Separei-a de mim. Fui eu ? foi Deus ?  
Ai ! como ter de ser é triste !... triste...



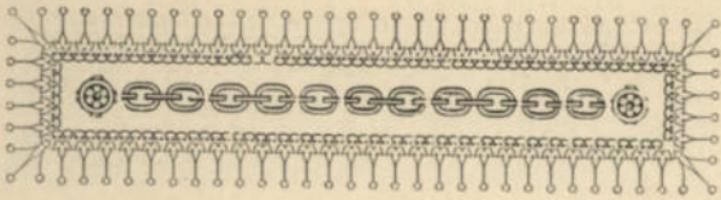
## O que só termina com a morte

Perdidas illusões que tanto amei,  
Fulgente enxame ao seio acarinhado,  
Vós me fallaes ainda do passado  
E me fazeis sorrir do que chorei.

Curou-me o tempo o coração lanhado,  
Mas deixou-me a lembrança do que errei  
Por que não peque, no que já pequei,  
Crendo ser ouro o que só é dourado.

Se olho as antigas crenças com piedade  
Um ecco do que fui me vibra n'alma  
Ao folgar junto a mim a mocidade.

Mas commove-me vê-la em tanta calma  
Correr desprevenida á realidade  
Que finda tudo menos a saudade.



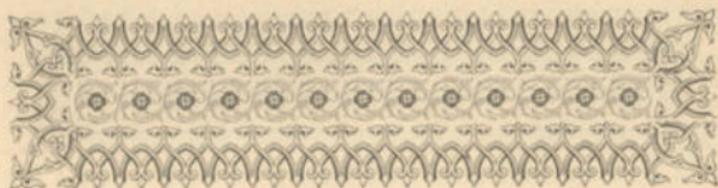
## E' possivel amar quem me aborrece ?

E' possivel amar quem me aborrece ?  
Desejar bem a quem tão mal me trata ?  
Honrar a quem sem causa ou dó me esquece  
E desculpar a quem me affronta e mata ?

Phantasia se pódes encarece  
Tudo que o são juizo não recata,  
Pois a memoria sempre viva off'rece  
A injuria immerecida e esculpe a data.

Tu, coração, tão estreito e sensitivo  
Descobres sentimentos tão contrarios  
Ao que é devido e em ti não vês motivo,

Para viver tambem de affectos varios ?  
Alma e corpo sobre isto que dizeis ?  
Amôr soffre, perdôa e... não tem leis.



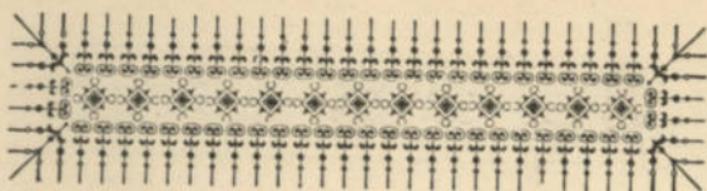
## Ciume

Que mysterio me escondia  
Na sua carta adorada ?  
Passa-se dia após dia,  
Sem que logre saber nada ! . . .

E' traição ? Aleivozia ?  
Deslealdade ? cilada ?  
Minh'alma desamparada  
Referve em dôr que a crucia

Requeima-me a febre a testa !  
Quero o ciume expulsar.  
A cidade é toda em festa,

Porque não hei-de folgar ?  
Se elle outra mulher requesta  
Sinta que o posso olvidar.



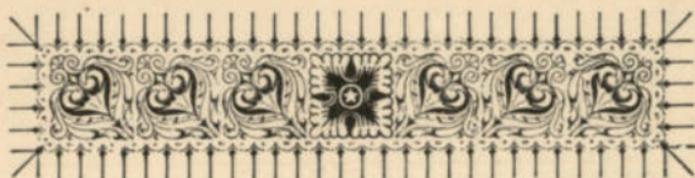
## Que dôr

Sahira o corpo. Em rios corre o pranto  
Nas alvas faces da gentil viuva.  
Lembra-me o seu olhar sol a que a chuva  
Vem augmentar pelo contraste o encanto.

Nunca ninguém chorára mais nem tanto.  
A mãe, que a vai buscar, lhe aperta a luva  
E diz com voz tremente : — se enviuva  
Resta-lhe, Alice, o meu affecto. Quanto

Elle é profundo certo e desvelado  
Sabe ; peço-lhe pois resignação.  
A filha lhe responde em tom maguado :

Chóro por mim, não é pelo Novaes  
Porque enfim já cheguei á conclusão  
De que todos os homens são iguaes.



## Como eu amo

Pertenço á velha escola ; eu amo á antiga  
Detesto a modernice que se ufana  
De casar por dinheiro ou que se liga  
Preferindo ao amôr sempre a cabana,

Amo com tal paixão que é mais que humana  
E todos os affectos n'um colliga  
Cuja grandeza nenhum outro irmana,  
Em tudo impera e tudo a si obriga.

Amo do coração á flôr dos labios  
Mas recalco por vezes meus tormentos  
Para o não maguar ; comtudo sabe-os...

E segredo-lhe então : Bem que dorida  
Quero beber-te essa alma a haustos lentos  
E por soffrer por ti inda mais vida.



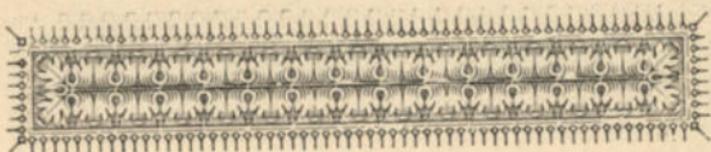
## De noute

Á meia noute, hora em que tudo é quêdo  
Para saudade, pranto e expiações,  
Eu julgo vel-o n'um sorriso ledo  
Repetir-me este verso de Camões :

*Sobre aquelle segredo, este segredo !*  
E na minh'alma, campa d'illusões,  
Ergue-se um mar de fel contra um penedo  
Insensibil á dôr dos vagalhões.

E como em rocha, ao vir quebrar-se a vaga,  
Em solta espuma se desfaz e cai  
Assim a dôr o coração me alaga

E nos meus labios vem morrer um ai.  
Vejo o porvir tão negro que me esmaga,  
E em vão tento reter o que lá vai.



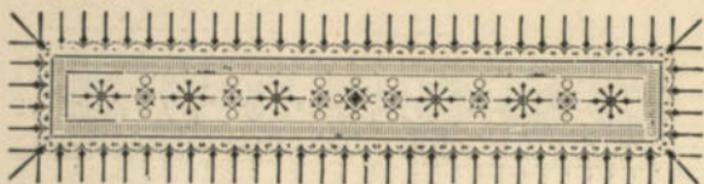
## Apparencias...

Conheci um poeta gentilissimo  
Que ao vêr um breve pé se extasiava ;  
Nunca esquecia, quando recitava,  
Louvar «um pé pequeno, pequenissimo.»

Inda creança, ouvil-o me encantava  
(S'elle era na dicção elegantissimo!)  
Mas ao chegar ao fatal pé, pensava  
— Este homem tem o gosto estragadissimo.

Noto que não ; cegava-o a apparencia.  
Supunha o pé pelo sapato ; então  
Observo, minha amiga, de Voss'lencia

Tive tambem errada opinião.  
Imitando do poeta a complacencia  
Julguei-lhe pelo rosto o coração.



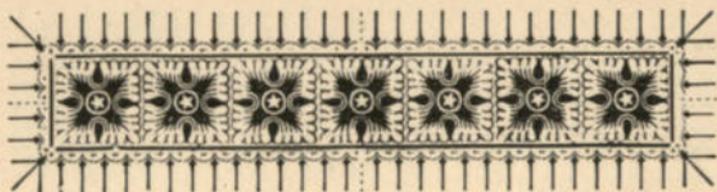
## Mal por mal. . .

Fazei, meu Deus, que o corpo enfim pereça  
E se acabe de vez o meu tormento,  
Que para viver mais não tenho alento  
Por já não haver dôr que não padeça.

Onde achareis um ser que não esmoreça  
E que afinal não vença o desalento  
Se não tiver um ecco ao seu lamento  
E amar um coração que o seu conheça ?

Tudô perdi n'uma illusão perdida,  
E a minha mente triste e abatida  
Daria os ceus porque durasse o engano :

Mas não torna a voltar o bem passado ;  
Tinha feito melhor tendo acabado,  
Que não me dava o inferno maior damno.



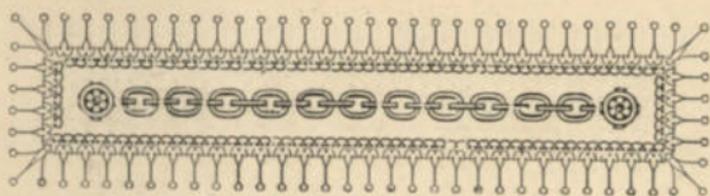
## Anceio

Na terra jámais houve Paraizo  
O coração ha muito me dizia,  
Mas a mente sonhava que podia  
Haver ao menos paz e alegre riso !

Formei, agora o sei, falso juizo  
Porque o mal que me opprime noite e dia,  
Se não é delirar da phantasia,  
E' da morte talvez lugubre aviso.

Porque estás, ó minh'alma, entristecida ?  
Que ideia vem premir-te em cru tormento  
Quando ceus, terra e mar tudo sorri ?

De tudo o que é mundano dividida  
A Deus elevo ardente o pensamento,  
E vivo n'esse mundo que não vi !



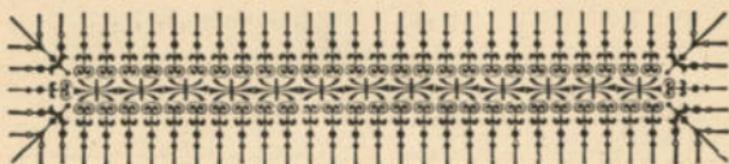
\* \* \*

Pediste-me o teu retrato  
Da cabeça até aos pés,  
Mas fazê-lo em tal formato  
Tem muitos contras, bem vês...

Deixêmos cabeça e... fato  
E, bem melhor do que crês,  
Verás que ficas exato  
Só em dois grupos de tres :

E's bom, d'uma bondade inconsciente.  
Tens alma, tens talento, e és valente,  
Ciumento, despotico, inconstante.

Não amas a ninguem, porque amas duas  
Que só se movem a vontades tuas  
Porque é de ti que és realmente amante !



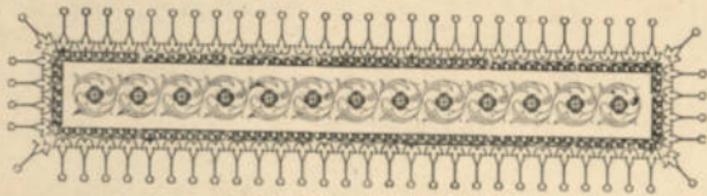
## Se constancia tivesses . . .

Quando os teus olhos negros inspirados  
Buscam no espaço a fôrma ao pensamento,  
Eu julgo vêr brotar do firmamento  
Jorros de luz ao teu poder baixados.

E, se a fronte descansas um momento  
Sobre os dedos formosos e delgados,  
Creio vêr n'esse gesto o fundamento  
De mil deslumbramentos nem sonhados.

Mas se affastas com ar aborrecido  
Os papeis, em que a ideia se condensa,  
Vejo-te de repente decahido.

E noto então com amargura immensa  
Que terias um estro deslumbrante  
Se constancia tivesses, inconstante.



## Amei ?

### I

Amei ?... talvez, talvez te amásse...  
Mas como ideia que depressa esquece,  
Como sonho febril, que se esvaece,  
Como luz que, accendendo, se apagásse.

Amei ! talvez, talvez ; porém parece  
Que muita vez o nome d'amor dá-se  
A qualquer cousa que impalpavel pásse,  
Que lembra um sêr que, por nascer, perece.

Não, não te amei, que o meu amôr é fundo  
Ardente, vivo, pertinaz e forte.  
Amar do coração só hoje sei.

Por isso passo como estranha ao mundo.  
De amôr só vivo, tudo mais me é morte.  
Vê, pensa e julga : Ainda crês que amei ?

## II

Fitei, é certo, teu olhar, não nego  
E não me veio ás faces o rubor ;  
Não vi que estava em ti o seductor,  
Que ao mal o espirito infantil é cego.

Analysei quanto me causou dor,  
E, se no livro da memoria pego,  
Vejo que a ideia, que de ti eu lego,  
Faz mais desprezo do que faz horror.

Amei-te ? Não. Loucura d'um momento  
Em que suppuz em ti alma e talento  
Que ignorante e creança admirei.

Pude estudar-te após e notei que eras  
Mais proximo dos vermes que das feras.  
Vê, pensa e julga : Ainda crês que amei ?

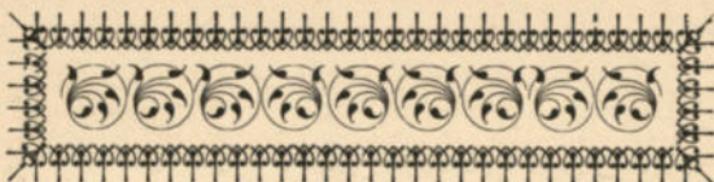
### III

Não, não te amei... porque baixei o olhar.  
Para poder amar é força erguê-lo,  
Postar o sêr amado n'um altar  
E tê-lo em tudo por melhor modelo.

Na febre insana de se extasiar  
Curva-se o espirito ao ouvi-lo ; e ao vê-lo  
Tem-se necessidade de ajoelhar ;  
Só elle em nós póde accordar o zêlo.

E' seu nome o mais bello e harmonioso ;  
A voz (que voz!) nenhuma outra a iguala ;  
O olhar encanta, prende, é guia e lei ;

Obedecer-lhe é para a alma um gozo,  
E o coração, se por elle soffre, cälla.  
Vê, pensa e julga : Ainda crês que amei ?



## Foi designio da tua Providencia . . .

E' prostração, que excéde abatimento,  
O que me invade o espirito cansado.  
Podesse ella encurtar-me o cru tormento  
E reduzir-me ao derradeiro estado !

Désse-me a campa o forte sentimento  
Que me obriga a viver contra meu gráo.  
Pois para nada mais me resta alento  
Que chorar mau presente e bom passado.

Se havias de afogar-me em desp'rança,  
Se nem tranquillidade esta alma alcança  
Porque me déste, ó Deus, um coração ?

Mas murmura-me baixo a consciencia,  
Foi designio da tua Providencia  
Têrmos mil meios de findar á mão ! . . .



## Após uma jornada d'amargura

Eu sei mui bem, Senhor, que não mereço  
De que ao meu peito, nunca descansado,  
Baixeis, Conçolador Immaculado,  
A suavisar-me a dôr de que padeço.

Se d'ira, muita vez, n'alma estremeço  
Contra o destino, que é por Vós mandado,  
Basta pensar no meu Jesus amado  
Para volver á paz de que careço.

Se em vós a minha mente dolorida  
Sempre tiver amparo e achar guarida,  
Nas batalhas da vida, heide vencer !

E quando desça emfim á sepultura  
Após uma jornada de amargura  
Como eu, Senhor, acharei bom morrer.



## Como pensam mulheres

Quem vive da passada mocidade  
Por nada no presente lhe agradar  
E' triste, que no gozo da saudade  
Convertem-se os sorrisos em chorar.

Quem quasi na velhice e em soledade  
Já não encontra a quem se dedicar  
Não diz *eu vivo*, que não é verdade  
Mas sim, *vivi*, emquanto pude amar.

Feliz o sêr que a estrada percorrida,  
Embora viva em angustiosa vida,  
Olha indiff'rente sem chorar nem rir ;

Resta-lhe idealisar o bem futuro ;  
Bem que os vermes o esperem no monturo  
Pode ainda pensar em resurgir.



## Dôr que excede todas

Foi n'um baile que o vi a vez primeira,  
Eccoava de Strauss uma harmonia ;  
Elle dançava com gentil trigueira,  
Que lhe fallava baixo e lhe sorria.

Segui com torvo olhar essa ligeira,  
Que nem mesmo de nome conhecia,  
E tive-a por rival de tal maneira  
Que só de a vêr minh'alma se doia.

Elle era bello ! desde então, zelosa,  
Senti que mais ninguem podia amar.  
E a valsa continuava voluptuosa

E eu olhava-os a ambos com rancor.  
Quem d'amôr entender pode affirmar  
Que excede o ciume toda a outra dôr.



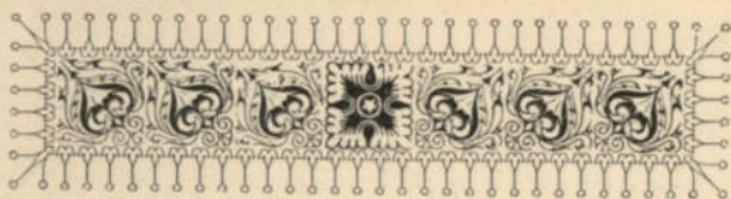
## Repete-o alto

“Gosto hoje mais de ti do que gostava,”  
Murmuras com meiguice e em segredo ;  
Repete-o alto sem ter pejo ou mêdo,  
De que alguém ouça que o teu mal se agrava.

A dôce confissão, que não esperava,  
Deu-me ainda d'esp'rança um arremêdo  
E já em devaneios me concêdo  
Que seja esse *mais* que me faltava.

Como a planta quer ar, agua e luz  
A minh'alma te quer, mesmo traidor,  
Bem que a traição me péze como cruz.

Sonho e m'enlevo no meu proprio error,  
Que junto co'o desejo ao erro induz  
De que esse *mais* seja afinal amor.



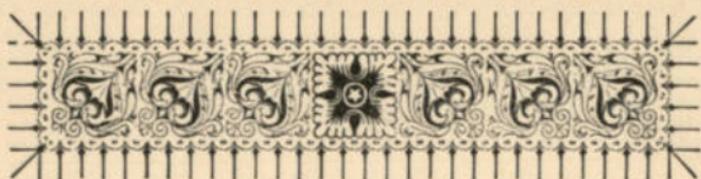
## Cheguei tarde

O louco ciume, em que o meu peito arde  
Brotou intenso dos primeiros dias ;  
Meu doce coração, cheguei já tarde  
Que por outra d'amôr te consumias.

Se Deus permite que a minh'alma enfarde  
N'um pensamento só, taes agonias,  
Resigno-me a morrer, mas sem alarde,  
Para que cantes, folgues e te rias.

Cheguei tarde, cheguei; porém qu'importa  
Se vim ainda a tempo de te amar ?  
O que ha em ti de humano a ideia o corta,

O que ha divino dil-o um teu olhar :  
Lembra-me com ternura, quando morta,  
Que te fiz Deus e dei-te n'alma altar.



## O futuro existe em nós

### I

Noite em que Diana nos não mostra o rosto,  
Nem ténue aragem vem beijar a flôr  
Na paz da natureza o meu desgosto  
Encontra compassivo reflector.

Não fica o ceu mais triste, se é sol posto,  
Do que se a treva o véla, doce amor ;  
O sol deixa saudade, qu'inda é gosto,  
A lua estrellas, mas o ceu sem côr.

Nos mil sussurros do silencio ingente  
Palpita a vida n'uma debil voz ;  
Pega na minha a tua mão tremente :

E, como por ventura estamos sós,  
Olvida-se o passado no presente  
Sentindo que o futuro existe em nós.

## II

Hoje, inunda o luar toda a floresta  
Photographando as arvores no chão ;  
Gemem os troncos em toada mesta  
Embalados por branda viração.

Vem-nos de longe os eccos d'uma festa.  
Perto, um passante entôa uma canção.  
Tu beijas-me o pescoço, bôcca e testa  
Cingindo-me de encontro ao coração.

Fallam teus olhos a melhor linguagem ;  
Nem mesmo a excéde tua doce voz !  
Tremo mais em teus braços que a folhagem.

(Ai ! como quanto é bom passa veloz !)  
Vem, fujamos da dôr á vassalagem  
Sentindo que o futuro existe em nós.

### III

Mira-se a lua no cristal do lago.  
Coaxam as rãs, canta a cigarra; e eu  
Noto que tardas : n'um receio vago  
Ergo uma préce mentalmente ao ceu.

Supersticiosa um malmequer estrago,  
O que indá mais minh'alma entristeceu.  
Tu vens enfim e n'um olhar de affago  
Mudas em gozo o soffrimento meu.

Que cousas nos dizemos sem fallar ! . . .  
Este silencio assim convida a amar,  
Murmura baixo tua meiga voz.

O tempo passa quasi de repente  
E tu dizes-me adeus alegremente  
Sentindo que o futuro existe em nós.

#### IV

No Outonno, á noite, as arvores despidas  
Erguem aos ceus os troncos desolados,  
Lembrando almas de crentes, compungidas  
Pelo remorso e dôr dos seus peccados.

Juncam o chão as fôlhas resequidas,  
Jazem por terra arbustos derrubados,  
Victimas innocentes d'essas lidas  
Em que andam chuva e vento concertados.

Quebram-se as fôlhas sob breves passos :  
E's tu, que me abres mais que um ceu nos braços.  
Ninguem corre á ventura mais veloz !...

O anno mórre, e nós de amôr frementes  
Damos a vida nestes beijos quentes  
Sentindo que o futuro existe em nós.

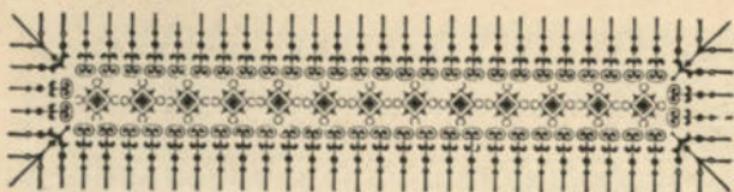
V

D'esta vez ruge o vento em furia brava  
Quasi arrancando as arvores do chão.  
A guerra d'elementos que se trava  
Semelha as luctas d'alma co'a razão.

Não raiva mais accesa a ardente lava  
Que me lambe constante o coração,  
Do que a chuva, que a jorro a terra cava  
E nos dará em breve a inundação.

N'esta noute de dôr e de tormenta,  
A que raio e trovão o horror augmenta,  
Assentados n'um tronco, estamos sós.

E, ó ventura de amar e ser amado !  
Que nos importa, qu'rido, o ceu irado  
Sentindo que o futuro existe em nós ?



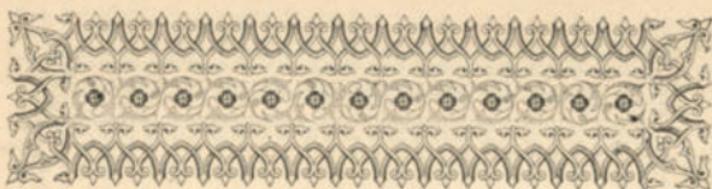
## Na Aldeia

Sentados ao redor de lauta mesa,  
As notabilidades desta aldeia  
Fazem as honras á excellente ceia  
Da velha cosinheira portugueza.

Emquanto o boticario lisonjeia  
O dôce, que compõe a sobremesa,  
O barbeiro maldiz a natureza  
E os males do seu proximo pranteia.

O mediço sustenta: a caridade  
Nada no mundo ha que tanto agrade.  
(Do padre olhando a fáce colorida)

Que diz, abbade, vossa reverencia?  
—Não ha virtude como a abstinencia  
Principalmente em coisas de comida.



## A voz Amada

Em bella tarde de calmoso Agosto  
O meu gado guardava no Cruzeiro  
Quando avistei ao longe o meu boieiro  
Que vinha de prazer corar-me o rosto.

Sentou-se junto a mim. Como é bem posto !  
Onde se viu olhar mais prazenteiro ?  
Contou mil anedoctas : ri com gosto  
De quanto ria o dôce companheiro.

Todas eram por mim já conhecidas  
Mas por muito que fôssem repetidas  
Não me cansava de as ouvir dizer.

Que immenso encanto encerra a voz amada !  
Ficava a ouvi-la até de madrugada  
Ficava se podesse, até morrer.



## A Freira

N'um recanto do côro, a irmã sineira,  
Tendo pelo veu negro o rosto occulto,  
Em extase de fé contempla o vulto  
Aos pés do qual se revestiu de freira.

Depois em pranto chama : O' madianeira  
Perdão, pequei, que se o avisto exulto. .  
Porque consentes que um amôr sepulto  
Derrame fel na minha vida inteira ?

Ai ! nem no claustro achei o esquecimento  
Tanto o meu coração é desgraçado !  
Devia dar a Deus o pensamento

Que puz n'um ser que nem merece olhado.  
Faltei, a consequencia é o tormento  
Que o ceu destina a quem tiver peccado.



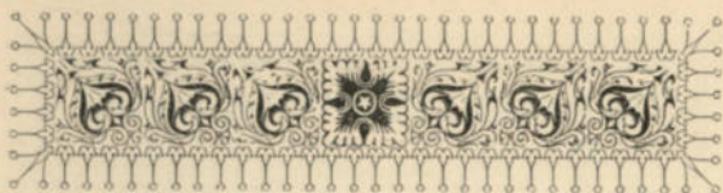
## O Frade

De pé, no claustro, á luz do lampadario,  
Tendo no rosto um ar de soffrimento,  
Um frade velho, curvo e macilento  
Olha, sem vêr, um quadro do Calvario.

Tão entretido o tem o pensamento  
Que lhe cai, sem que o note, o breviario.  
Como está longe agora do convento  
Que nem sente tanger o campanario !

E' que hoje faz trinta annos que alli veio  
E junto aquelle quadro, em cru anceio,  
Soube que ella acabava de casar.

Professou. Mas que ciume !... oh desconforto !  
Quando julgara o coração bem morto  
Scintellas de odio o fazem crepitar.



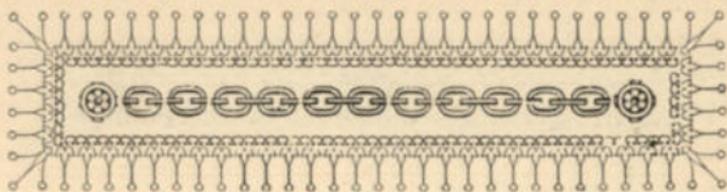
## N'um bilhete a minha avó

Depois de procurar, gentil avó,  
Todos os bichos do Jardim Zoologico  
Achei o ambicionado geneologico  
Que de tanta canceira teve dó!

Fallei com o macaco Jericó,  
Que tem fama de ser um grande logico ;  
Contou-me como um sabio pathologico  
Endoidecêra por um dominó.

Se um trapo a um sabio causa tanto mal  
Que farão a um bom tolo os pergaminhos?  
Talvez ir acabar n'um hospital!...

Diga-lhe que é melhor contar baguinhos  
Jantar á lauta no Internacional  
E vêr brincar no mar os seus filhinhos.



## Antes a duvida...

Se o verdadeiro amôr a tudo obriga,  
Se, como affirmas, tudo doma e vence,  
Não queiras, meu dilecto, que te diga  
O que do teu affecto sinto ou pense.

A sabida razão, clara inimiga  
De quanto ao coração favôr dispense,  
Mil argumentos uns aos outros liga,  
E contra o meu desejo me convence.

Oh! quanto melhor fôra um dôce engano  
Que piedosa mentira me emprestasse  
Occultando a verdade em fundo arcano!

Oh! quanto melhor fôra me deixásse  
Em duvida cruel anno após anno  
Se um resto de esperança me ficasse!...



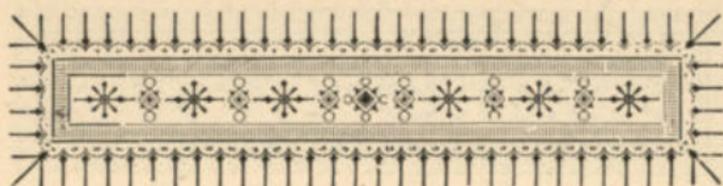
## A' palmatoria

Peça chata e redonda, de pau liso,  
Que todos os sentidos estimulas,  
Tu, que a doidos varridos dás juizo  
E tornas brandas enraivadas mulas ;

Tu, que fortes vontades volves nullas  
Quando austera nas mãos nos dás aviso ;  
Conselheira leal que nunca adulas  
E sempre nos reprimes folga e riso :

Eu te saudo, louvo e até quizera  
Tua gloria cantar perpetuamente !  
Mas, inda é cêdo, minha linda, espera

Que de estudante pásse para lente :  
Então heide mostrar que és *droga véra*  
Vibrando-te no ar constantemente.



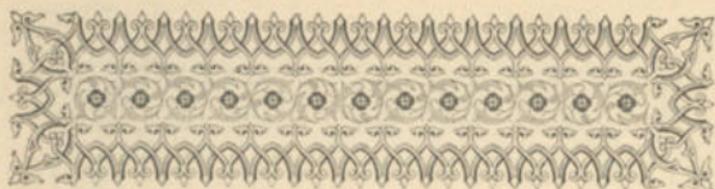
## Ai de mim!

Ai de mim! que descrente ainda creio  
Nos enganos que tece um louco affecto!  
E nas tuas palavras, meu dilecto,  
Presumo inda ouvir mais que um galanteio.

Ai de mim! que na magoa d'um receio  
Evito d'encarar teu meigo aspecto...  
E nas fugas e mortes que projecto  
E's ainda o grilhão em que me peio.

Ai de mim! que perfido queimaste  
A melhor illusão de quantas tinha  
E no pouco n'esta alma que deixaste

Que ha que o teu sopro não destrua ou tise?  
Matas-me? — A bem. — Com tua mão na minha  
Direi teu nome quando canto o cysne.



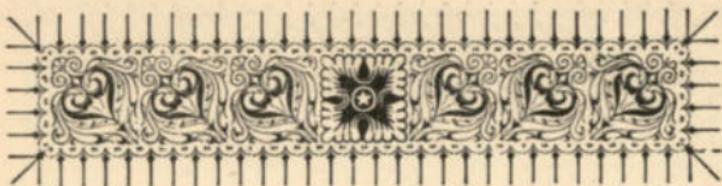
## Um recurso famoso!

Haõ-de vêr o recurso : inda em Lisbõa  
Se não viu coisa assim... E' de pasmar!  
Como eu os faço alli baixar a prõa  
E mostro claramente o que é roubar.

Que sou banqueiro ?!... então ? se uma pessoa  
Essa fama tivesse sem pagar...  
Ah! mas quem me pregou peça tão bõa  
Acha mestre que o sabe castigar.

Escrevi no papel accusador :  
Tal, tal, tal, tal seja o que fõr  
Ou quer que seja é. Este final

Diz o juiz que não ha outro igual.  
E se eu tenho estudado ! O que seria ?  
Astro que o brilho ao sol offuscaria.



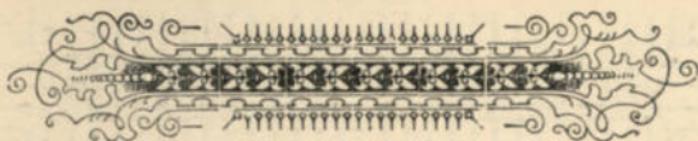
## Tempestade

Queria rir d'um riso alegre e forte,  
Que me varrêsse d'alma o soffrimento ;  
D'um rir que desfizesse n'um momento  
O mal ingente que me leva á morte.

Queria rir, que o riso é como o vento,  
Se tigna e estraga quando sopra norte,  
Desfaz em espuma a vaga d'alto porte  
Que vem rugindo e finda n'um lamento.

Ergue-se dentro em mim a tempestade  
Rompe, retumba e estalla n'um trovão :  
— E' o cruel embate da vontade

Contra o fragil sentir do coração.  
Convulsiona-me então a gargalhada.  
Que vale o amor, a vida, o mundo ? — Nada.



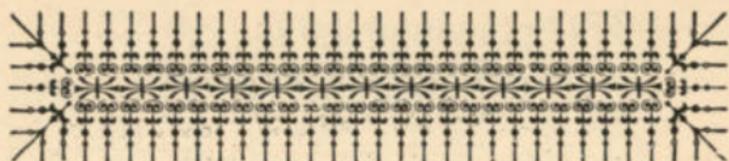
## 20 de Agosto

Meditava, meu mestre, noite e dia  
N'um presente que digno de vós fôsse.  
A esperança já quasi que perdia  
Quando um caso imprevisto emfim o trouxe.

Era noute. Soprava a ventania ! . . .  
Ao baterem dôze horas desenhou-se  
Um rosto na parede, que sorria.  
Sou Shakespeare, disse, e aproximou-se :

Julgo saber aquillo que t'inquieta  
E venho dar remedio ao teu desgosto.  
Queres solemnisar vinte de Agosto ?

Envia um busto meu ao grande poeta.  
Invisivel eu heide acompanhá-lo  
Tão grato é a minh'alma vê-lo e honrá-lo.



## Desilludidos Modernos

Affirmam sabios doutores,  
De tempos immemoriaes,  
Que é melhor amôr que amôres  
E bastas sandices mais.

Á verdade dão primores,  
Que fazem rir os actuaes,  
E emprestam ás petas côres  
Mais feias que as infernaes.

Porém a louca theoria  
Nos demonstra á puridade  
Que a mente antiga não vira :

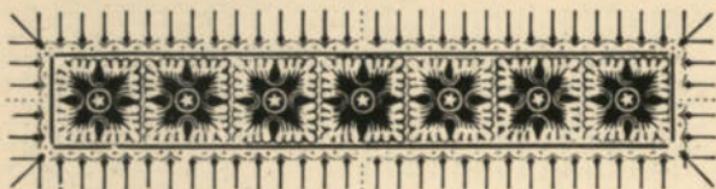
Pois que amôr, á morte guia  
A's decepções, a verdade,  
Só á ventúra . . . a mentira !

VILLANCETES

E

GLOSAS



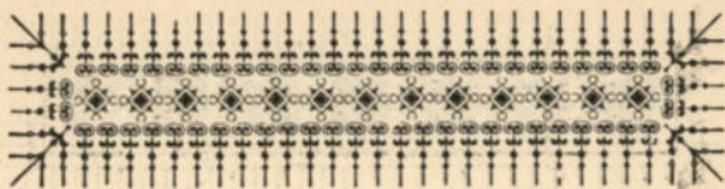


## Villancete

Ouvi-vos clamar chorando:  
Porque não terei ventura  
E só vivo d'amargura ?

## Volta

Senhora, que não pensaes !  
Alma que é sublime e grande  
Por mais que n'este mundo ande  
Ventura não tem jamais.  
A mente que a Deus se eleva  
Como hade baixar á treva  
Sem pêne, sem dôr, sem ais ?



## Villancete

Nas voltas de vossos olhos  
De tal guisa me envolveis  
Que a amar-vos me levareis.

## Voltas

Heis dois abysmos no rosto  
Que me attrahem e dão medo !  
Ora sou mesto, ora lêdo  
Temo... não sei que desgosto !  
Quizera não vêr-me exposto,  
A' chamma d'aqueste olhar  
Que me hade levar a amar !

Andaes contra meu talante  
Mettendo-me em tentação ;  
Se trazeis ruim tenção  
Bom é que passeis ávante.  
Mas se d'ella sois distante  
De tal guisa me envolveis  
Que a amar-vos me levareis !

Não sei que tem vosso olhar  
Que me despraz e fascina ;  
E' molesta a minha sina  
Que assim me leixa enredar.  
Não vos consigo evitar ;  
E a amar-vos me levareis,  
Olhos que tanto prendeis !



## Villancete

(*A Fernão Chaves Esmerilhões  
Mateiro da tapada real*)

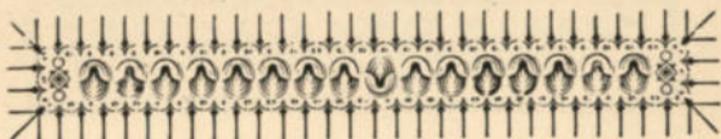
Amei gentil cotovia  
Que esmerilhão *sopezou*.  
E eu fui dos dois quem ganhou.

## Voltas

D'uma linda cotovia  
Andei d'alma enamorado  
Mas d'esse amôr ser peccado  
Ganhou-me a melancolia.  
Esmerilhão que soia  
Acompanhar-me ao seu ninho  
*Sopezou-me* o passarinho !

D'aquisto não fiz queixumes.  
Muito me aprouve a lição.  
Quem *deceina* esmerilhão  
Deve saber-lhe os costumes...  
Nem azo temo a ciumes  
Pois perdendo a cotovia  
Logrei saude e alegria!

Usar de provocações  
Por tão ligeira trefice  
Seria mais que tolice.  
O nome de Esmerilhões  
Fica-vos bem, Fernão Chaves,  
Que s'elles *sopeçam* aves  
Vós a *sopeçaes* corações!



## Villancete

Não com zelo de bondade  
Mas prenhe de mau falar  
Vós me soeis lastimar.

## Voltas

Achais mui estranho sabor  
N'essa aleivosa piedade  
Fingindo têr-me amizade  
Para melhor me indispor !  
Não por ser em meu favor  
Mas prenhe de mau fallar  
Vós me soeis lastimar.

A mim não me embelecais  
Com vosso palrar arteiro,  
Que não sois vós o primeiro  
Que de taes manhas usais.  
Não por bem, como mostraes,  
Mas prenhe de mau fallar  
Vós me soeis lastimar.

Porém, não vos quero mal  
Que não tenho mingua d'alma,  
Nem o sangue se me encalma  
De vós saber desleal.  
Acho em vós tão natural  
Ter prazer em mal fallar  
Como em mim o perdoar



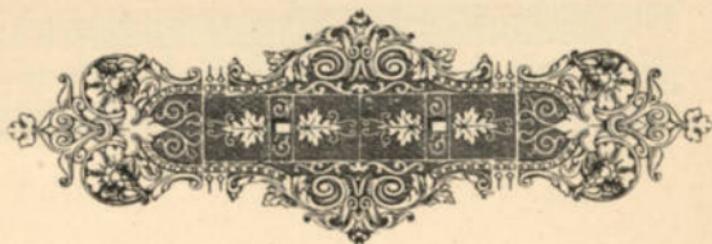
## Villancete

Praz-vos vêr a minha dôr  
Como praz ao gavião  
Cevar-se n'um coração.

## Voltas

Comprida de todo o mal  
Devassaes-me os pensamentos  
Folgando de crus tormentos  
E rindo do meu zagal !  
N'aquisto heis prazer igual  
Ao que ha voraz gavião  
Quando o cevo é coração.

Mas mal avisada andaes  
Em rir quando os outros choram.  
Penas que comigo móram  
Talvez um *dia* as tenhaes.  
E hão de aprazer aos mais  
Como praz ao gavião  
Cevar-se n'um coração.



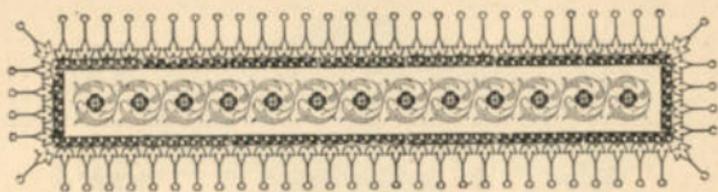
## Mote alheio

Verás como é bom morrer  
Já que não podes possuir.

## Glosa

Curiosidade, má lama,  
Te faz buscar quem não deves.  
A mulher que assim te inflama  
Ri do muito a que te atreves  
E tresloucado te chama.  
Infeliz ! Crês-te perdido  
Porque já não pode ser ?  
Dá um tiro n'um ouvido  
E depois de ter morrido  
Verás como é bom morrer.

Chóras de magoa ? Lamento.  
E' triste querer em vão :  
Atormenta o pensamento,  
Faz lezões no coração,  
E apressa o passamento.  
Fazes-me pêne, coitado,  
Mas não te posso acudir.  
Tanto me tens enfadado  
Que te desejo enterrado  
Já que não pódés possuir.



## Villancete

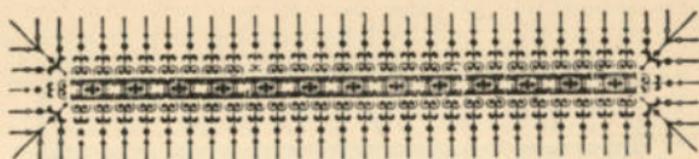
A vida nos leva á morte.  
Feliz quem tiver por norte  
Encontrar na morte a vida.

## Voltas

Dizeis que é triste morrer,  
Por isso vos lamentaes.  
Mas vêde que mal pensaes !  
Se a vossa vida é soffrer  
Fausta sorte póde ter  
A vossa alma dolorida  
Encontrar na morte a vida !

Affagae tal pensamento,  
O mêdo estulto affastae.  
Feliz quem, como vós, vai  
Tam cheia de soffrimento !  
A morte é medicamento  
Que após doença comprida  
Ao moribundo dá vida.

Sé ás tempestades da vida  
Succede da morte a paz  
Não sei como vos não praz  
A lembrança da partida !  
A vossa morte é mentida.  
Feliz pois quem tem por norte  
Encontrar vida na morte.



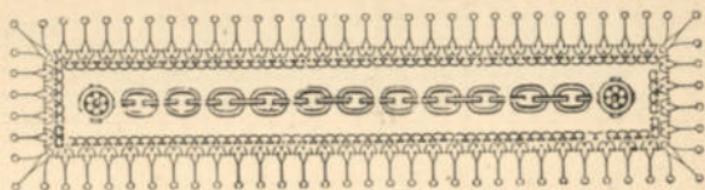
## Villancete

Como a guia, que das alturas,  
Rapida a prêa asir vem  
Me ase um mal e vôa um bem.

## Voltas

Minha alma n'um gozo santo  
Só conhecia ventura;  
Mas o que é bem nunca dura...  
Veio asinha o triste pranto!  
Quebrou-se-me o lêdo encanto  
Como aguia que á preia vem  
Me ase um mal e vôa um bem.

Do mundo não espero al  
Que haver uma doce paz.  
Da terra nada me praz  
Que n'ella só vejo mal.  
A tudo hei sanha mortal  
Que como a guia á preia vem  
Me ase um mal e vôa um bem !



## Villancete

Perguntaes se me escalavra  
Chagas d'alma o vosso olhar ?  
Do mal que sempre em mim lavra  
Sois cruel em chancear.

## Voltas

Adur vos posso dizer  
Tudo que penso e que sinto.  
Serei rude mas não minto  
Embora faça doer ! . . .  
Lamento, senhora, vêr  
Que mal usaes vosso olhar ;  
Du chaga que esta alma lavra,  
Se a vossa vista a escalavra  
Sois cruel em chancear !

Não são de mulher honesta  
As chanças que vós usaes,  
A maneira porque olhaes  
Mais do que levesa attesta !  
Tolerancia não se empresta  
E se a que tenho findar,  
Da chaga que esta alma lavra,  
Que a vossa vista escalavra,  
Tremei que eu ouça chancear !



## Villancete

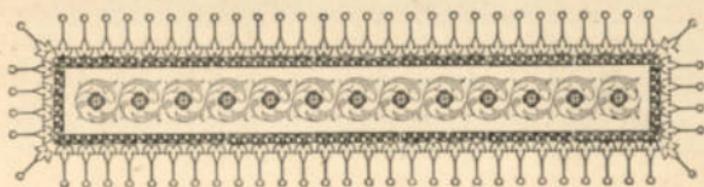
Como não hade apiedar-me,  
Com vida tam mal vivida,  
Alma que amôr traz perdida ?

## Voltas

Oh ! Santa Maria val  
A tam triste creatura  
Que não logra ter ventura  
Porque é d'amôr o seu mal,  
Hu parará afinal,  
Com vida tam mal vivida,  
Alma que amôr traz perdida ?

Amôr é dôce tormento  
Que amargura os corações.  
Nãõ cêde a boas razões  
E desvaira o pensamento.  
E' falso contentamento  
D'alma que se anda perdida  
Em vida que é mal vivida.

A quem nãõ hade apiedar  
Ver, em vida mal vivida,  
Alma que busca guarida  
E nãõ n'a póde lograr ?!  
Foi pelo amor enganada,  
Procura na morte o nada!  
Resta... nem esse encontrar !...



## Villancete

Como abrandar meu queixume ?  
Como callar minha dôr ?  
Se n'alma ruge o ciume  
De vos saber outro amor !

## Voltas

Não vades mais por diante,  
Senhora, em fingir que amaes.  
O carinho que mostraes  
Doe mais que espada cortante.  
Como callar minha dôr ?  
Se sou por vós todo amor  
E sei que haveis outro amante ?

Consirae que um peito humano  
Nunca pôde agasalhar  
Dois centimentos a par  
Sem que ambos se façam damno  
Sem treguas, sem fé, nem lei...  
Senhora, se me queixei  
E' que temo um desengano.

Já nem justas nem torneios  
Me animam o coração!  
A esperança jaz no chão.  
E enquanto eu em crus anceios  
Por vós enlanguêço e mouro  
Sorrisdes a gentil louro  
Co'os mais graciosos meneios!

Não me haveis em nenhum preço,  
Depois de tanto me querer !  
E' que a gloria de vencer  
Anima um genio travesso.  
Porém eu, ardo em ciume  
Sei que outro amaes... e o lume  
E' brinco á prudencia avesso !

Como vai a longes terras  
O audaz conquistador,  
Que possante qual condor,  
Transpõe mares, transpõe serras  
Na certesa de vencer:  
Assim vós até morrer  
Buscareis sempre outras guerras.

Victoria quando lograda,  
Já não tem nenhum valor !  
Assim nas lides d'amôr  
Vós pensaes, desassisada !  
E em outro affecto empenhada  
Nem vos doe o meu queixume  
Nem que me mate o ciume.

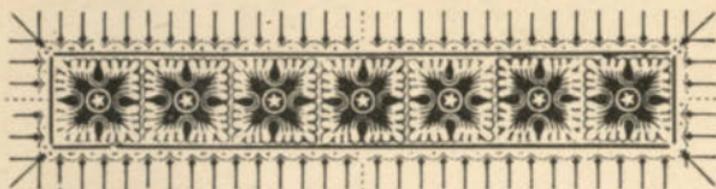


## Mote

Mais alva do que alvo cysne  
E' vossa innocente alminha.  
Cuidado, que se não tisne  
Na convivencia da minha.

## Volta

Minh'alma está requeimada  
De pranto e desillusões.  
Nem sei de consolações  
Que tornem viço á coitada.  
A vossa é leviana alada,  
Teimosa em volta da luz...  
Porém é dever lembrar :  
Quanto em minh'alma seduz  
A vossa póde tisnar.



## Mote alheio

Eu, por mal dos meus peccados,  
Não cuido que sempre vem  
Traz d'um cuidado cuidados.

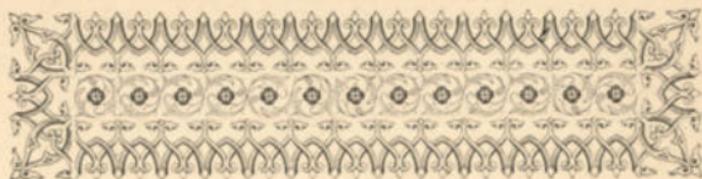
## Voltas

Pretendeis que vos descante  
O gentil mote que daes.  
Eu, por mal que me façaes  
Nada vos nego, galante !  
Heide porém d'ora avante  
Cuidar que por meus peccados  
Segue um cuidado cuidados !...

E tangerei na viola  
Do meu cuidado a tristura,  
Pois cuido que vos consola  
Cuidar que não tenho cura.  
Rides da minha amargura,  
Por meus peccados cuidando  
Que a um cuidado segue um bando.

Eu por mal dos meus peccados,  
Nunca cuidei que cuidasseis  
Que eu pensava que cuidados  
Traz d'um cuidado chamásseis.  
Porém se em mim vos fiasseis  
Não terieis feito bem  
Que após um, muitos mais vem !

Ai de mim ! que em vosso amor  
Devia, por meus peccados,  
Vêr 'spinhos demasiados.  
Que se um cuidado traz dôr  
O que trarão mil cuidados ?  
Nos meus passos cuidarei  
Por não dizer : não cuidei.



## Mote

Os teus ciumes, moreno,  
Ferem como o kris malaio  
Além do golpe, veneno.

## Glosa

Foi pena não ter morrido  
Na má hora em que te vi.  
Viver contigo é proibido  
Vida não tenho sem ti.  
Tu sentes zêlós de mim.  
E só ando ao teu aceno,  
Eu de ti sinto-os mortaes ;  
Peza-me a vida e demais  
*Os teus ciumes, moreno.*

Que razões teem de sêr  
Tão loucas desconfianças ?  
Sabendo que vivo a querer  
Tu a descrer te abalanças ?  
D'amor não tenho esperanças  
Nem a tomá-las me ensaio ;  
Seriam logo desfeitas  
Por teus olhos que em suspeitas  
*Férem como o kris malaio.*

Razões tenho eu de ter zelos ;  
Tu bem sabes que as não tens.  
Que eu esfarrape os cotovellos  
A' custa dos teus desdens,  
Dos teus vais e dos teus vens  
E' justo: porém, moreno,  
Tu podes dormir em paz  
Eu nunca, porque me dás  
*Alem do golpe, veneno.*



## Mote

Magoa-me o teu desleixo  
Mais triste que a triste dôr !

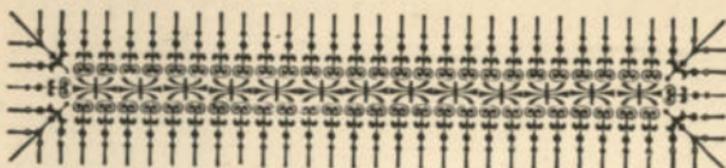
## Voltas

Perguntas porque em meu rosto  
Vês sempre signaes de pranto ?  
Dar-me-hia a pergunta espanto  
Se me não desse desgosto.  
Da ausencia que me has imposto  
Se me dôo, não me queixo ;  
Pois pressente o meu amôr  
A causa do teu desleixo  
Mais triste que a triste dôr !

Sorri o sol refulgente  
Sob a abobada dos ceus...  
Nem espessas nuvens, nem veus ..  
A natureza é contente !  
Só a minh'alma já senté  
O que tem de sêr !... se fôr  
A causa do teu desleixo  
A que prevejo, e que fecho,  
Dentro em mim com triste dôr.

Colma a noite de negrume  
O ceu que esplendia a flux;  
Soluça a morbida luz  
Que me defende da treva.  
E enquanto o fero ciume  
De dôr a minh'alma abreva,  
Choro o desprezo que leva  
O meu carinhoso amôr  
Mais triste que a triste dôr !

Renasce outra vez o dia,  
O ceu sorri e fulgura,  
Só minh'alma em noite escura  
Jáz sempre em melancolia !  
Tudo quebra, rompe ou esfria,  
Só persiste o teu desleixo  
Sempre opposto ao meu amôr.  
E' por isso que te deixo  
Mais triste que a triste dôr !



## Mote

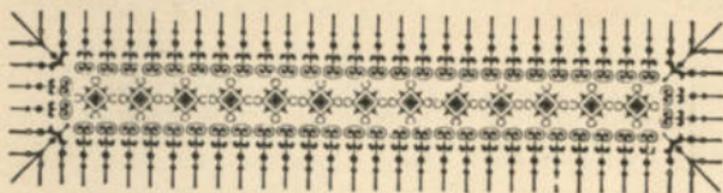
Affligido e desvairado  
Largo a redea ao pensamento.  
Quero, n'um sonho accordado,  
Dar á dôr divertimento.

## Voltas

Renégo de ti, razão,  
Que só a magoas me ligas  
Quando a meu pezar me obrigas  
A achar-te bom o sermão ;  
Não te dou mais atenção.  
Affligido e desvaierado  
Suffocarei meu lamento  
Alentando o pensamento  
N'um sonho desperto e amado !

E estremarei de meus males  
O mal que mais me pungir.  
Ah! razão! porque não falles  
Trocarei meu chôro em rir.  
Hasde á permuta assistir  
E ao vêr solta a phantasia  
Terás causa de espantar:  
Pois posso dar-me alegria,  
E bem desperto, sonhar.

Quando me pezam as penas  
Não vos pése meu penar,  
Que por deixal-as apenas  
Basta accordado sonhar!  
E emquanto o sonho durar  
Revivo no bem passado,  
Tenho a dôr como esquecida.  
Bem hajas, sonho accordado,  
Que em tí palpita-me a vida.



## Mote

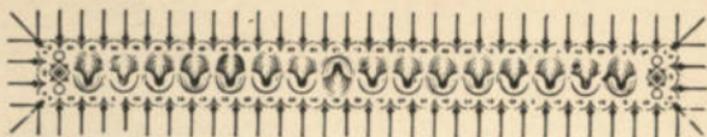
Suspiras d'olhos cerrados,  
E' prazer que assim t'os fecha  
Ou scismas nos teus cuidados?

## Glosa

Se te amo? ainda duvidas?...  
Não vês que és todo o meu sêr?  
Que antes desejo morrer  
De mil mortes doloridas,  
Do que deixar de te vêr?  
Suspeitas-me ou são enfados?  
*Suspiras d'olhos cerrados.*

O rosto escondes de mim ?  
Não lograrei ter esperança  
Que a tanta desconfiança  
Possas um dia dar fim ?  
Mas não, não será esquivança:  
Que os teus olhos vêr não deixa :  
*E' prazer que assim t'os fecha?*

Ou é talvez dôr aguda  
D'uma lembrança fatal ?  
Outro olhei e fiz-te mal...  
Tu, n'uma agonia muda,  
Devastadora, brutal...  
Teus ciumes desvairados;  
Não scismas nos teus cuidados ?



## Mote

O' bôca breve e rosada,  
Tão querida, sem ser crida,  
Por te crêr daria a vida  
Que sem te crêr te é votada.

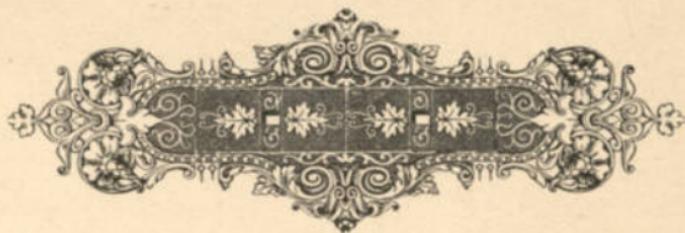
## Voltas

Se é permittido fallar  
Assim, sem cuidar policia,  
Vou dizer, minha delicia,  
Quanto me fazes penar  
Por te não acreditar !  
Comtudo daria a vida,  
Não é pregão aleivozo,  
Por crer o som carinhoso  
Que sai d'essa bôca qu'rida.

Fôra ventura que farte  
Ao meu peito enamorado  
Se, sobre o gozo de amar-te  
Te tivesse acreditado !...  
Mas vivo desconsolado  
Por não crêr, bôca querida,  
Nos teus protestos d'amôr.  
Daria com gosto a vida  
Se me findasses tal dôr !

Sem te crêr és minha vida ;  
O que seria se o fosses ?...  
Se as tuas palavras doces  
Não fossem lida perdida ?  
Aos teus encantos rendida,  
Ó bôca breve adorada,  
Esta alma em pena se praz:  
Nem dava o meu mal por nada  
Que um grande bem n'elle jaz !

O bôca rosada e breve,  
Onde sempre brinca um beijo  
Sútil, perfumado e leve,  
Fonte de eterno desejo  
A quem o possa colher!...  
Ó adorada, não crida,  
Se um dia te lograr crêr  
Hei-de dar contente a vida  
Porque és o sêr do meu sêr.



## Mote

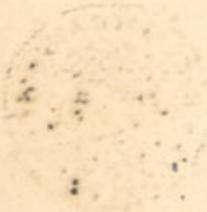
A vós renunciareis  
Por ter liberdade e paz.

## Voltas

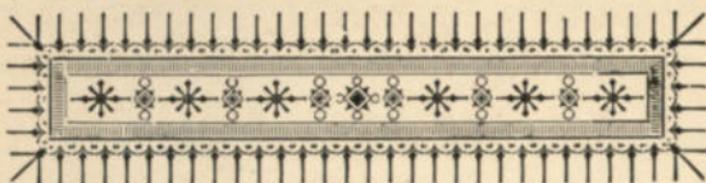
Ha muito, gentil, que sigo  
O conselho que ora dais ;  
E embora não me creiais,  
Certo é que nada consigo.  
De mim, prompto me desligo  
Por ter liberdade e paz,  
Mas de que me serve, amor ?  
Se de vós sou incapaz  
Por grande que seja a dôr ?

De que serve renunciar-me  
Se não posso renunciar-vos ?  
Se, pelo prazer de amar-vos,  
Côrro, sem dó, por matar-me ?  
Como heide de vós soltar-me,  
Coração sem caridade,  
Se tão preso me trazeis,  
Que póde mais a saudade  
Que a paz, liberdade e leis ?!

Renunciar-me !... é renunciar-vos !...  
Isso não posso fazer.  
Posso deixar de vos vêr,  
Resta-me ainda adorar-vos.  
Tudo que tinha quiz dar-vos  
Té minh'alma em vós existe !  
Ter liberdade e ter paz ?  
Se n'isso algum bem consiste,  
A mim, meu mal mais me praz.



N'elle vélo, durmo e vivo  
Só d'elle ora me sustento.  
E' todo o meu pensamento,  
Tudo em mim lhe está captivo.  
Não póde ser-me incentivo  
O conselho que bom crêdes ;  
Que liberdade e paz ter  
Não me prestavam, bem vêdes,  
Que renunciar, é morrer !



## Mote

Tem amôr raro condão  
Se absoluto e vehemente ;  
Torna altivo coração  
Submisso e até reverente !



## Voltas

Vontade nunca quebrada,  
Orgulho nunca abatido,  
Primeira, como és calcada !  
Segundo, como és vencido !  
Olhar d'um ente querido  
Basta a tornar-vos de cêra !  
N'um féro e testo querer  
Quem dissera, quem dissera,  
Que tinha amôr tal poder.

Tudo n'alma se subleva  
Contra a força que a subjuga...  
Mas se a fronte que a enleva  
Se contrahe em leve ruga  
Ei-la já de si em fuga,  
Submissa, e até reverente!  
Mas, ao vêr-se obediente  
Resta-lhe a consolação  
Que é só de amor o condão.

E' privilegio de amôr  
Beijar a mão que fustiga.  
Só elle agradece a dôr  
Como uma dadiva amiga  
Se absoluto e vehemente.  
Pois mesmo ao meu coração  
Violento, feroso e ardente,  
Torna brando, e por tensão,  
Submisso e até reverente!

**Metros diversos**





## Pantum Malaio

Ruge, referve, troa ! é mar encapellado  
Batendo em furia vã a esteril penedia . . .  
Meu coração doente, em teu olhar amado,  
Procura a luz do amôr e vê-a na`agonia.

Batendo em furia vã a esteril penedia  
N'um eterno soluço o mar a quer, e deixa . . .  
Procura a luz do amôr e vê-a n'agonia  
Esta alma que em teu sêr toda a ventura enfeixa.

N'um eterno soluço o mar a quér e deixa,  
Ella impassivel sempre a quanto elle requer . . .  
Esta alma que em teu sêr toda a ventura enfeixa  
É mais que desgraçada : é alma de mulher.

Ella impassivel sempre a quanto elle requer  
N'um pranto d'impotente, em ancias mil torcido .  
É mais que desgraçada : é alma de mulher,  
A que chóra, padece, e consome um gemido.

N'um pranto d'impotente, em ancias mil torcido..  
Se um instante se acalma a mais cresce o furor,  
A que chora, padece e consóme um gemido  
Nasceu só por viver e por morrer d'amôr.

Se um instante se acalma a mais cresce o furor  
Porque se ergue e recai no leito d'amargura...  
Nasceu só por viver e por morrer d'amôr,  
Quem sem amôr na terra em nada tem ventura.

Porque se ergue e recai no leito d'amargura ?  
E' pena de seguir um trilho tão sulcado ?  
Quem sem amôr na terra em nada tem ventura  
Ruge, referve, trôa ! é mar encapellado !



## Alma Portuguesa

Se ao triste som da guitarra  
Heroicos feitos louvaes ;  
Lembrae-vos, gentil cigarra,  
Quantas façanhas calaes !

Que de combates renhidos  
Por mar d'angustia desfeito  
Nem gabados, nem sabidos,  
Se ferem n'um breve peito !

Que de lagrimas choradas  
Que o riso logra encobrir !  
Que de victorias ganhadas  
Sem ninguem as presentir !

D'esta lucta de nobresa,  
Da qual ninguem canta a gloria,  
Móra, n'alma portuguesa  
Mui vasta e subida historia.

Alma entre todas eleita  
Para domar e vencer,  
Que a morte sorrindo aceita  
Como outra aceita viver ;

Alma moldada ao fulgôr  
Do sol que nos allumia  
Toda doçura e amôr,  
Toda brio e galhardia ;

Alma, que quando alentada  
Pelo sopro da paixão,  
Pode austera e resignada  
Immolar o coração ;

Alma a quem dos altos ceus  
Concederam tal querer,  
Alma emfim, que só em Deus,  
Acha um limite ao poder !

Continuai pois cantando  
Nossos feitos tão soados,  
Mas soltae de quando em quando  
Um ai pelos ignorados.

Glorias que a historia contém  
Perder-se-hiam da memoria  
Se se escrevêsse uma historia  
Da gloria, que nunca a tem.



## Para a guitarra

Um dia, ardente desejo  
Despertou ao teu olhar;  
E' fogo eterno que o beijo  
Ateia, em vez de apagar.

Destilla mel de teus labios  
Faz-me esquecer que soffri ;  
Pois voltarão mil tormentos  
Logo que saias d'aqui.

Como é mesta a solidão  
Quando a sombra encerra o dia !  
Foi decerto essa tristeza  
Que deu á luz a poesia.

Qu'ria que a estrella do norte  
Me servisse de caixão,  
Pois toda a vez que a fitasses  
Pulsar-me-ia o coração.

Os olhos são portas d'alma  
Que dão prazer ou dão medo,  
Triste do que ás fechaduras  
Poude encontrar o segrêdo !

Era tarde ! porque havia  
Minh'alma de te encontrar ?  
Como a lua beija o rio  
Tendo sempre de o deixar . . .

Como a agua leva o tronco,  
Arrastado na corrente,  
Assim tu levas minh'alma  
Quando de mim estás ausente.

Hontem chorava, bem viste,  
Porem não era de dôr :  
Como se ri, estando triste,  
Tambem se chora d'amor.

É lei sabia e immutavel  
De baixa philosophia  
Não pôr nunca o desejavel  
A cima da mediania.

Quem poderá impiedoso  
Ver-me soffrer sem ter dô ?  
Nada no mundo tão triste  
Como a vastidão d'um só.

Se sentes por tudo tedio  
Sabes que é por tua culpa ;  
Tu, não lhe encontras remedio,  
Ninguem te encontra desculpa.

Se estou resignada e calma  
Crerás que nada me doe,  
Mas quanto me peza n'alma  
Prostrava o maior heroe.

De amôr na extrema indigencia  
Agarrei-me á compaixão,  
Tal é a sede de affecto  
Que sente o meu coração.

Quem quer requintes de gozo  
Refinamentos d'ideia,  
Tem de arrastar lastimoso  
Pezada e ferrea cadeia.

Qu'inveja tenho da brisa  
Que affaga sem se prender ;  
Não conhece a desventura  
Dos corações de mulher.

Em inexplicavel pranto  
Acho sempre que explicar ;  
Não é sem causa que as nuvens  
Se desfazem a chorar.

Quando o teu olhar se abraza  
E vem fundir-se no meu,  
Soffre milagre esta casa,  
D'infernò torna-se em ceu.

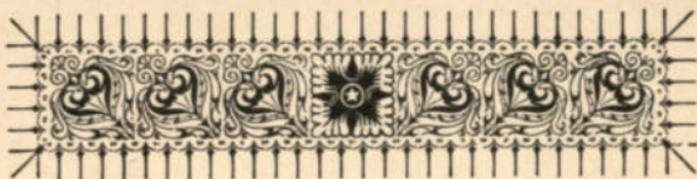
Quando os olhos se commovem  
E o pranto tentas reter  
Nas alegrias que morrem  
Desejaria morrer !

Deixa em teus labios de fogo  
Toda a minh'alma queimar.  
Porque, se a vida é um jogo  
Perdê-la assim, é ganhar.

Não tens de culpar ninguém  
Se te enfastia viver,  
Não pozesses o teu bem  
Onde o não podes colher.

Que metamorphose rara  
Causam teus olhos em mim !  
Distante, a vida me pára.  
Ao perto, sinto-a sem fim.

Na estreiteza d'um abraço,  
Nas ancias d'um beijo teu,  
Eu acho pequeno o espaço  
Mas sinto que é meu um ceu.

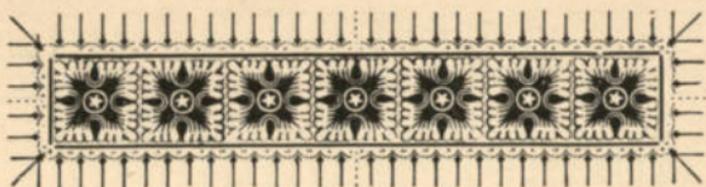


## Oh! a felicidade!...

Oh ! mil vezes feliz quem n'esta vida  
Contente vive, e de viver se alegra;  
Quem não tem consciencia e se desregra  
E só vê luz no lodaçal imundo;  
Quem nada quer saber, e nada sabe ;  
Quem as leis não conhece nem deveres ;  
Quem constancia só tem nos seus prazeres,  
E crê que a morte tudo em nós acabe !

Mas triste aquelle, que do abysmo fundo  
A Deus cedeu o coração ardente ;  
Qu e julga vêr nos risos e no pranto,  
Castigo ou prémio do Omnipotente.

Esse, é-lhe o mundo mesto captiveiro,  
Clausura estreita, que o seu corpo encerra.  
Alma que vive n'esse espaço infindo  
Sempre se enoja quando baixa á terra !  
D'esta vida cansada, outra esperando,  
Sempre a sonhar e de sonhar já lassa,  
Temendo, ó Deus ! ouvir além da campa  
*No ragionam di lei ma guarda, e passa.*



## Equilibrio instavel

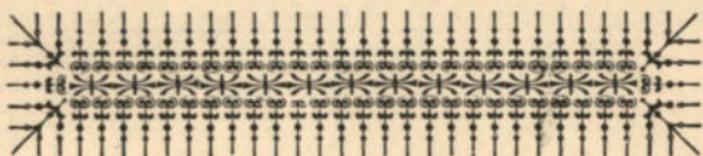
Houve um dia quem quizesse,  
Ignorando o que era phisica,  
Conseguir meio que dêsse  
Á ventura o equilibrio  
De que ella sempre carece.

E porque o seu raro engenho  
O mundo deixásse attonito,  
Formou tambem o desenho  
Que seria um peito másculo  
Alicerce d'esse empenho.

Decorreu mez após mez  
Em illusões felicissimas.  
Ensaiou vez sobre vez...  
Nada ganhou na constancia  
Mas que descobertas fez!...

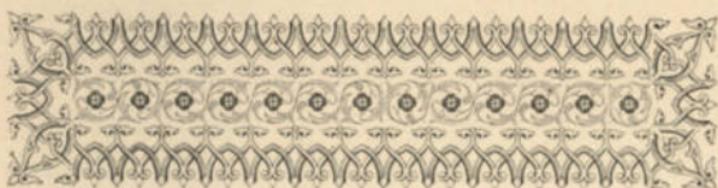
O fundamento sem base,  
Já cansado d'equilibrio  
Não lograr, em breve phrase,  
De sinceridade caustica,  
Mostra a verdade sem gaze.

Pôr a cabeça no chão  
E' instavel, diz a physica.  
Dar por base um coração,  
Só de tombado equilibrio  
Por cegueira de paixão.



## A vaidade do mal

A vaidade do mal é, meu amôr,  
Mais vulgar do que crês.  
Tu mesmo a tens, e em grau superior,  
Comtudo nem a vês!  
Apparentas de rude com temor  
De que julguem talvez  
Que és fraco, por sensível, e tal côr  
Descabe a um portuguez.  
Dizes que nunca saberás chorar!  
Chôro não é só pranto derramar.  
Um mudo padecer  
Tem lagrimas occultas no sorrir  
Que vão em lava o coração aluir.  
E eu já te vi soffrer.



## Fragmento d'um poema

Jamais un criminel no sabsous de son crime.  
Racine, le fils

No plumeo travesseiro apoia o cotovêllo,  
Repousa a loura côma, entre os rosados dedos.  
O leito em desalinho iguala o seu cabelo  
E no febril olhar prepassam mil segredos.

Deslisa-lhe no rosto uma lagrima triste  
Sangrenta e dolorosa, até por indiscreta,  
Pois quanto amargo fel em qualquer alma existe  
Narra um aljofre só a todo o que fôr poeta !

Affastei-me de manso e nada perguntei.  
Pungiu-me a sua dôr por ser igual á minha.  
E se n'aquelle instante a morte desejei  
Ao proprio e alheio bem só ella então convinha.

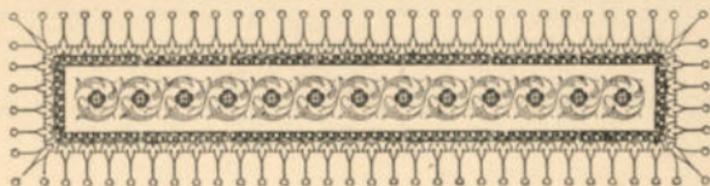
Pois se eu mil vezes môrro em cada longo dia  
Por reviver á dôr, ao pranto e amarguras,  
Se arrásto atraz de mim um manto de agonia  
E o resoar atroz de estranhas desventuras;

Se aquella que me julga em altos brados grita:  
«Ousas crer no destino acaso achar clemencia  
Tu, que levas sem dó a todos a desdita  
Pensas em sêr feliz?... é mais do que demencia»

E ao coração rasgado apertam mil celicios.  
Embebe-o lentamente afiado punhal.  
Não se acham no inferno identicos supplicios,  
Nem na face da terra uma desgraça igual.

Roe-me o veneno vil de adoração profana  
A tanto me abati que nem me reconheço;  
Em verdade me diz a razão justa e immana  
Que dârem-me uma cova, é dar-me muito aprêço.

Oh ! deixem-me ficar n'um penhascoso cêrro  
Dando ás fêras por cibo o morto coração !  
Que não deve ter ceu, nem missas, nem enterro.  
O sêr que tudo esquece e morre de paixão.



## Não pensáste

Fallei-te em negro peccado  
Que li e cri impossivel,  
Mas tu disseste-me : é crível,  
Cultivei-o no passado.  
Como se já me não déssem  
Taes palavras funda ferida  
Ajuntáste :  
São coisas que nunca esquecem  
Lembram sempre toda a vida.

Ah ! tu não sonhas sequer  
Como um dito inconsciente  
N'um coração de mulher  
Se grava profundamente.  
Chagas que nunca guarécem...  
Venêno que enche a medida...  
Se affirmáste :  
São cousas que nunca esquecem  
Lembram sempre toda a vida.

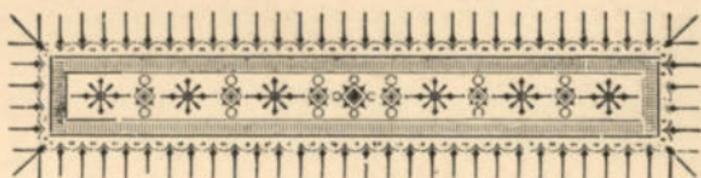
A tua mente revel  
Gosa d'antigos amôres !  
Não sente ser-me infiel  
Nem causar-me tantas dôres.  
As ideias que entristecem  
Tem n'alma certa guarida.

Blasonaste :

São coisas que nunca esquecem  
Lembram sempre toda a vida

Não posso esquecer e qu'ria,  
Que a outras juraste fé.  
Que o amor, se vivo é,  
Em tudo tormentos cria.  
Antes mil mortes me déssem  
Do que a certeza aborrida  
De que amáste.

São cousas que nunca esquecem  
Lembram sempre toda a vida  
Não pensáste ?



## Natal d'um transviado

Na mesa, em que inda estão uns restos d'iguarias,  
Descança o cotovello; o rosto põe na mão;  
Sorriem-lhe no olhar remotas alegrias  
E, contrahido o labio, altera-lhe a expressão.

Hoje, é Natal!... murmura, e eu aqui sósinho...  
Quantas festas não vão nos conchegados lares!...  
Natal! hoje é Natal!... pois bem, bebamos vinho  
Para abrandar paixões e afogar pezares.

E, esvasiando o copo, outro cigarro accende  
Mas fica-se suspenso a vê-lo consummir...  
E' que nunca razões o coração entende  
E volve sempre atraz quando não tem porvir.

Revê a doce infancia, a feliz mocidade...  
Por saudade obrigado, amargo o pranto cai...  
Enxuga-o, resmungando:—oh! que imbecilidade  
«Que ridiculo sou!... o que lá vai, lá vai!...

«Acaso me não sinto aqui tão bem sósinho ?  
«Para curar paixões e afogar pezares,  
«Bebamos outra vez um copo mais de vinho.  
«Que as rolhas do Champagne atroem estes ares!

«Vamos, outro cigarro... (E deixa-o apagar).  
«Não ter filhos, mulher, nem casa nem conforto,  
«Oh, que falta que faz, quando se sabe amar!  
«Eu julguei que já tinha o coração bem morto

«E elle teima em viver para me fazer mal ;  
«Emfim, vamos sahir; talvez o ar da rua  
«Me faça deslembrar que estamos no Natal  
«E ver o gozo alheio a minha dor destrua.

Mas ao chegar á porta um pobre esfarrapado  
Lhe pede humildemente uma codea de pão :  
«Co'os restos do jantar ficarás regalado  
«Vem, vem ; senta-te aqui e come, meu irmão.

«Pensou por um instante affastar a tristeza  
«Servindo de creado ao pobre, que sorri.  
«Pergunta-lhe onde vai, ao vê-lo erguer da mesa:  
«Dormir, responde o pobre, feliz porque comi.

Acompanha-o á escada e volta a beber vinho :  
«Ainda outro cigarro, é bom espevitador  
«Para tornar risonho a quem se vê sosinho.  
(E o pensamento sempre a rebuscar-lhe a dôr.)

«Com outro folga e ri n'este dia festivo  
«No conchego do lar, ao calor do fogão;  
«Nem se lembra sequer do coração captivo  
«Que morre de desgosto á mingua d'affeição.

Olha pela janella o pobre que se affasta  
Cantando por ter tido enfim, um bom jantar.  
Pensa: «—porque é que a uns tão pouca cousa basta  
«E outros por viver tem tanto a desejar ?

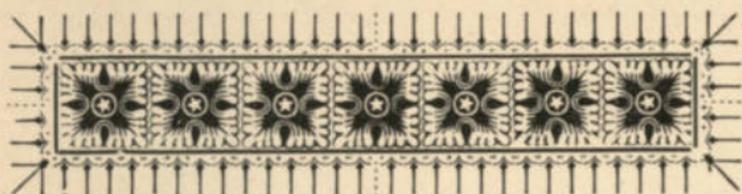
E vendo que ao seu mal nunca achará remedio  
Accende outro cigarro e torna a beber vinho.  
Sente por quanto o cerca um implacavel tedio  
E horror porque se vê tão novo e já sosinho.

Apoiando de novo a cabeça entre os dedos  
Em soffrimento expia o seu amor fatal.  
E pensa : — «a esta hora em risos e folguedos,  
«Sorri amante e terna, ao meu feliz rival.

«Eu, esmagado de dôr, roído por ciume,  
«Condemnado a soffrer só porque muito amei,  
«Hei-de acabar a vida embora em raiva espume  
«Sem encontrar amor n'aquella a quem o dei.

«Natal! . . . hoje é Natal! . . . e eu estarei sósinho  
«Em todos os Nataes emquanto vivo fôr! . . .  
«Fumemos um cigarro e venha inda mais vinho  
«Para esquecer paixões e rir de quanto é dôr.

«Emquanto lá por fóra a neve se amontôa,  
«E tanta gente goza as festas do Natal,  
«Eu aqui, triste e só, penso que a vida é bôa  
«E que é dentro de nós que sempre existe o mal.



• • •

Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.

Ruge a tormenta na minh'alma irada,  
Rija nortada a sublevou assim.  
Olho o passado, já volvido ao nada,  
Acho-lhe encantos que a meu mal dão fim.

Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.

Fecha o ciume meus verbosos labios;  
Nem mesmo sabios me farão fallar.  
Chega o passado, e com geitinho abre-os,  
Olvido tudo... já não sei callar.

Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.

Crava-se em mim o seu olhar profundo  
Mostrando um mundo de desillusão.  
Volvo ao passado, e com prazer me afundo  
N'outro que queima com voraz paixão.

Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.

Quando me enlaça nos seus braços bellos  
Os seus cabellos vem brincar nos meus.  
E os meus desejos nem ao menos... lê-los,  
E eu no passado volvo ainda aos ceus.

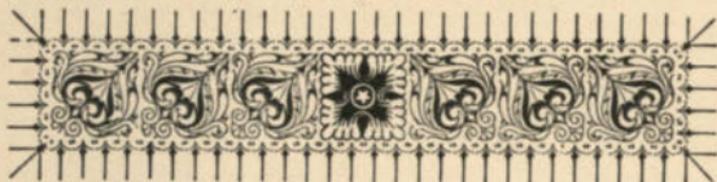
Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.

Oh ! por desgraça nunca a nossa mente  
Terá presente uma emoção igual;  
Sei quanto pensa, quanto crê ou sente,  
E de o saber sinto augmentar meu mal.

Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.

Beija-me ás vezes com cruel frieza,  
E eu de tristeza sinto-me morrer,  
Mas o passado com gentil largueza  
Lembra-me um beijo que me fez viver.

Geme a saudade no meu canto triste,  
Só cinza existe de tão vivo amôr.  
Geme a saudade. No meu canto triste  
Repetem eccos seu chorar de dôr.



## E' a experiencia que o diz

Chóras filha? — E's bem creança!  
Tambem eu chorei assim...  
N'este mundo tudo cansa;  
Mesmo a dôr tem breve fim.

Como és louca!

Achas a ventura pouca?  
E que fazes para a ter?  
Não basta amar e querer  
E' forçoso captivar.

*E louvando*

Com certeza te hade amar.

Vai escutando:

*E' a exp'riencia que o diŕ,*

*Leonor:*

*O homem só é feliz  
Se o julgam sabio ou doutor.*

Não desdenha sêr valente  
Proteger e auxiliar ;  
Mas o prazer que mais sente  
E' fazer-se admirar.

Ai ! querida,  
Como é ridícula a vida !  
Ouve-o com grande attenção,  
E embora lh'a dê's ou não,  
Pásma de quanto disser.

E' preceito  
Que segue qualquer mulher.

Eu receito :

*E' a experiencia que o diz,*

*Leonor:*

*O homem só é feliz*

*Se o julgam sabio ou doutor.*

Por ultimo finge medo  
E em alguns casos pavôr.  
(E' util este segredo.)  
Deixa-o sentir campeador.

E crê mesmo

Que tens assumptos a esmo  
Nas sombras d'esse desvão.

*Dir-te-ha o que é suggestão*

E ao vêr-se Cid e lettrado,

Gabar-se-ha.

Pois se não fôsse casado

Era-o lá!

*E' a exp'riencia que o diç,*

*Leonor:*

*O homem só é feliz*

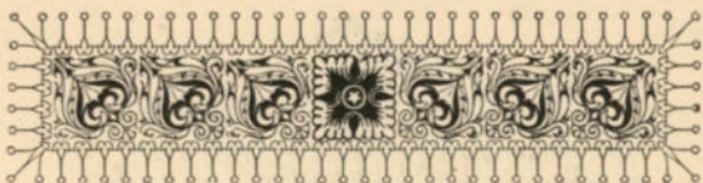
*Se o julgam sabio ou doutor.*

Não mostres estupidez.  
Nem também ter razão firme.  
Isso, só de vez em vez,  
Pois convem, que como um vime  
    Em se dobrar,  
Sejas docil a voltar.  
*Só elle é que tem querer,*  
*A ti cabe obedecer.*  
Tudo isto pura theoria  
    Que seria  
Má loucura executar :  
A elle honra, a ti proveito  
*Elle é que tem de mandar.*  
    Toma a peito,  
*E' a exp'riencia que o diŕ,*  
    Leonor:  
*O homem só é feliŕ*  
*Se o julgam sabio ou doutor.*



## Apreciação infantil

Vou contar-te a conversa que esta noite  
A teu respeito ouvi. Foi d'um travesso;  
Mas não me dêis no heroe algum açoite,  
Attendendo a que o tenho em grande apreço.  
Junto ao fogão, conversam as creadas;  
Escuta-as o rapaz com attenção;  
Alegra o lar o som das gargalhadas.  
O gaiato : Vossês não me dirão,  
Porque será que as vossas asneiradas  
Lembram graciosos ditos do patrão ?



## Conversão

Era um gentil taul, sedento d'aventuras.  
Pulsava-lhe no peito um coração fogozo.  
Passavam-lhe na mente ideias mais que impuras,  
Trahindo-se no olhar ardente e luxurioso.

Um dia, ao encontrar uma creança loura,  
Sentiu corrêr-lhe o corpo um frémito lascivo ;  
N'um lanço d'olhos, terno e cubiçoso, agoura  
Vêr-se senhor de quem presentiu sêr captivo.

Audaz galanteador, e mui sabido em manha,  
Com namorada falla, ardente amôr descreve ;  
Mas se na ingenua mente accorda ideia estranha  
Não logra no sentir polluir-lhe d'alma a neve.

Não sei haver terreno onde amôr não se encarne,  
Pensava d'esta vez. Hade vencê-la a doença,  
Porque, se ella tem n'alma uma virtude immensa,  
Eu tenho o vil desejo a remorder-me a carne.

E a face recostando á mesa rendilhada  
Na suja phantasia o rosto amado vê ;  
Sob a espessa pestana, em lagrimas banhada,  
Rebrilha azul turqueza : ao menos n'ella crê.



Do grande Rei dos Reis os ignotos caminhos  
Humano entendimento alcançará jámais.  
Porém, faz muita vez que amor por escusos trilhos  
Lhe leve o esposo á esposa, e volva o filho aos paes.

Por esta dôce senda a sabia providencia,  
O taful transviado ao ninho seu levou.  
E hoje, a compensar-lhe a prompta obediencia,  
Um neto alegre e loiro o chama lindo avô.

Brincando, lhe penteia a grenha côr de neve,  
Encosta a face bella á face encarquilhada;  
E o velho, com amôr, lhe beija a boca breve,  
Contente ao vêr sorrir na campá uma alvorada.



## A' desgarrada

A' desgarrada, rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes  
Que tenho a telha aguerrida.

Vamos, tempera a guitarra,  
E tu, afina o violão.  
Vejam os quem á desgarra  
Se atreve a dar-me lição.

A' desgarrada, rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes  
Que tenho a telha aguerrida.

Mostrais-vos soltos da vida  
N'esse versejar dolente,  
Que lembra campã tangida  
A's horas do sol poente.

A' desgarrada, rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes  
Que tenho a telha aguerrida.

Eu, alegre e descuidado,  
Bato a caça pelos montes,  
Cortejo as moças nas fontes  
E sem amar, sou amado.

A' desgarrada rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes,  
Que tenho a telha aguerrida.

Em qualquer baile ou folia,  
Todas me querem por par.  
Brilha em mim a luz do dia  
Na gaiatice do olhar.

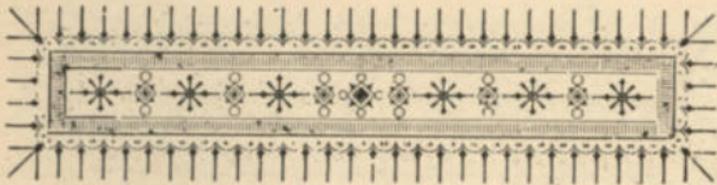
A' desgarrada, rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes  
Que tenho a telha aguerrida.

Nas trovas á portugueza  
Sei bem melhor do que vós  
Passar do riso á tristeza,  
Trahir lagrimas na vóz.

A' desgarrada, rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes  
Que tenho a telha aguerrida.

No caminho a percorrer  
Do Castello até Valverde,  
Vôa meu canto e se perde  
Indo no Tejo morrer.

A' desgarrada, rapazes,  
Levar-vos-hei de vencida.  
Comigo não fareis pazes  
Que tenho a telha aguerrida.



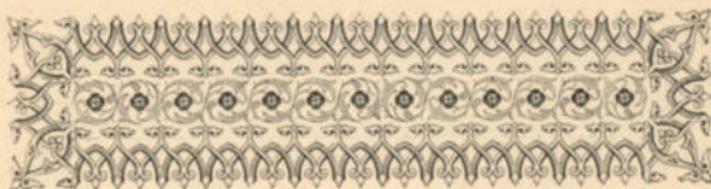
## Dois Occasos

Baixava o sol no ceu. Do verdejante monte  
Descia, curvo á terra, o santo capellão.  
E com fino sorriso a illuminar-lhe a fronte  
Suspendia-se a ouvir o canto do ganhão.

O sol, cahindo ao mar; elle, vergando ao solo,  
Deixando-se embalar pela canção terrena,  
Que em volutas de vida inda lhe agita o collo,  
Como o adeus, que ao longe, a mão amiga acena.

Depois, uma saudade e terna despedida  
No agonisar do astro: e no olhar do velho  
Toda a suavidade e amôr do Evangelho  
Pelos que só têm pão com fadigosa lida.

Um ultimo lampejo, uma lagrima ainda,  
E, lentamente, os dois vão desaparecer.  
Quem não perguntaria ao vêr tal scena finda:  
A qual dareis, Senhor, mais bello renascer?



## Que olhos!

Dei-te a minh'alma habitada  
Por fé viva e vivo amor ;  
Tornas-m'a agora, estragada,  
Maculada pela dor.

Co'um só beijo me arrancaste  
De toda a antiga affeição.  
E o teu retrato gravaste  
No lugar do coração.

Contou-me o que sente a rosa,  
Quando a abelha a vem beijar ;  
Mas ficou toda invejosa  
De eu lhe mostrar teu olhar.

Perdeu de repente a côr,  
Fez-se mais branca que arminho.  
Desmaiou, murcha d'amor  
Pendendo a fronte ao caminho !

Uma visinha, de neve,  
Indaga o que tal causou ;  
A encarar-te se atreve  
E vermelha se tornou !

Bem vêdes, lhes disse então,  
Nada vos posso invejar ;  
Pois sinto no coração  
Sempre effeitos d'esse olhar.

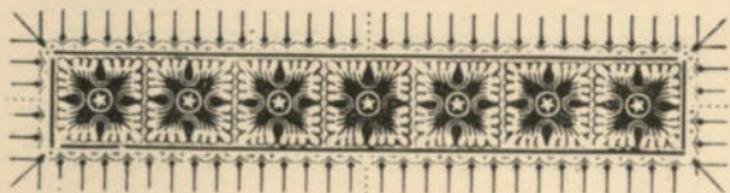
Tem tal virtude o magano,  
Tem um poder tão fatal,  
Que os raios com que faz damno  
Emprega a sanar o mal.

Tem attracções d'um abysmo  
Encanta e prende d'amôr.  
Não acho, por mais que scismo,  
Como d'elle nasça a dor.

Mas nasce, que muitas vezes  
Sem nenhum dó me crucia,  
Oppondo-lhe eu, por paveses,  
A sua propria magia.

Não sei quem olhos lhe deu,  
Se foi Deus, ou o diabo,  
Pois podem levar aos ceus  
E até do mundo dar cabo.

Porém, seja como fôr,  
O que não posso negar  
E' que vivem de matar  
E que me matam d'amôr.



## Quadro

Rápido o bote vae cortando o rio.  
Ao longe, mórre o canto lentamente.  
Soberba se ergue a lua n'amplidão !

Com olhar demorado, inquieto e pio,  
A Mãe, que o viu sumir-se no poente,  
Jesus, clamou, meus filhos voltarão ?



## Mote

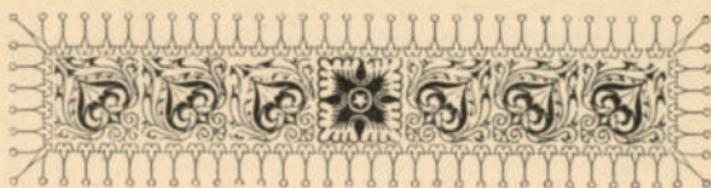
E vós, quasi consolada,  
Rindo de alheia afflicção,  
Sobre a pobre passarada  
Largaveis o esmerilhão.

## Voltas

Pois até na galeria  
A passarada esvoaça ?  
Não posso soffrer, Maria,  
O vosso amor pela caça !  
Como podeis achar graça  
Em causar tanta afflicção,  
Desespêro, dor e morte,  
Voando um algoz tão forte  
Sobre a debil multidão ?

E' porque a voss'alma chora  
Um doce sonho desfeito  
Que o coração inda adora?  
Porque soffre o vosso peito,  
Tendes rasão ou direito  
De cevar com furia tal  
Na passaçada innocente  
Todo o fel do vosso mal?  
Pondes-me assim descontente...

Mulher, que o nome merece,  
Embora morra de dor,  
Não se embebe de rancor  
Contra quanto não padece.  
Se fazer soffrer aquece  
Causar-vos riso e praser,  
Ah ! permitti que vos diga,  
Sois da justiça inimiga,  
Serpente sois, não mulher !



## 56 . . .

Immoto jáz sobre o doirado leito,  
Arfa-lhe com violencia o largo peito

Sob o pellote de setim broslado.  
E no sensual olhar, semi-velado

Por palpebra, em que a lagrima estremece,  
Lê-se o desejo indómito e refece,

Que rásga, punge, fére e nada apaga.  
Do seu rosto morêno, a expressão vaga,

Define o labio n'um tremor lascivo  
Porque a mulher que assim o traz captivo

N'um repungir lento, feroz e mudo,  
Tem innocencia por seguro escudo

E todo o mal que causa, desconhece.  
Porem, quando ao fitar-lhe o rosto, aquece

Sentir o Lusitano ardente lava  
No sangue a refterver, callando, agrava

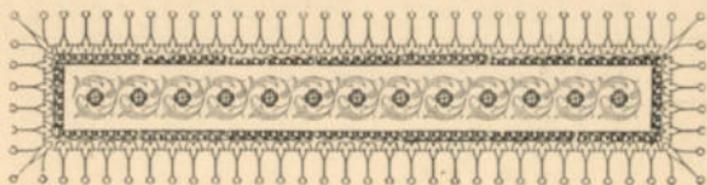
O revibrar dos intimos sentidos  
E pensa porque os tem d'ella escondidos,

Dár prova de ser elle, o que mais ama.  
Depois, no cabeçal da estreita cama

Mais afiada, que afiado gume,  
Insomne o põe a febre do ciume...

E o vitrice guerreiro, tão temido,  
Se logra ser por si tambem vencido

Vencer-se deixa, d'invencivel dôr.  
Qual bruta féra, se revolve em lama,  
Os braços abre, nada encontra, e clama :  
Como eu te quero, amôr, amôr, amôr!...



## Mote alheio

Conchita d'antes cantava,  
Ao bater das castanholas,  
Umhas canções espanholas,  
Quentes, meu Deus, como a lava!

(A. d'A. C. B.)

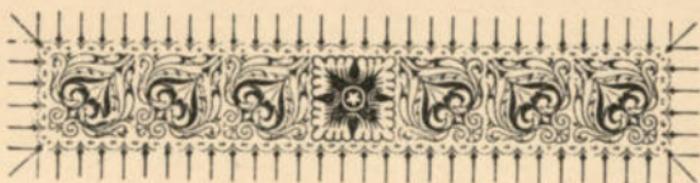
## Glosa

*Conchita d'antes cantava,*  
Hoje silencio pezado . . .  
Nem sei mesmo quanto dava  
Por me volver ao passado!

Que de risadas se davam  
*Ao bater das castanholas!*  
Que de motes se lançavam  
Ao retinir das violas!

Saudade, tu não consolas !...  
Desgosto, como hoje duras !  
*Um as canções hespanholas*  
Sanávam d'antes tristuras.

Agora, em maguas existes  
E's da dôr eterna escrava  
E chóras lagrimas tristes,  
*Quentes, meu Deus, como a lava ! \**



## Mote alheio

Amôr, és flôr de abril; amôr, és flor d'um dia  
No coração plantada, ai!... só para o matar  
Flôr que fazes verter lagrimas de agonia  
A quem te vir murchar!...

(M. DE TREZAN)

## Glosa

*Amôr és flôr de abril; amôr, és flôr d'um dia,*  
Que julguei sempre achar em olhos que hoje adoro.  
Podésse n'elles ler tudo que d'antes lia,  
Fôsse illusão, que importa?... é de a não têr que chóro.

Se n'elle é leviandade, em mim mais que ternura  
*No coração plantada, ai!... só para o matar!*  
Enxada que me cáva a fundo a sepultura  
Como eu a cada golpe... a desejo beijar!

Vedou-me Deus severo a minima alegria,  
Pois temo a todo o instante a foice que te córte,  
*Flôr que fazes verter lagrimas de agonia,*  
Que me volvêste á vida e vaes tornar-me á morte !...

.....  
.....

Depois, passádo tempo, o meu amôr lembrando,  
Dirás que mais ninguem se sábe dedicar  
E a minha triste historia has de contar, chorando,  
*. A quem te vir murchar ! .*



## Cantiga

No breve espaço d'um dia  
Quantos casos se não dão ?  
A parar-me o coração  
Um segundo bastaria.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Conformando-me co'a vida,  
Como com curta passagem,  
Corro apressada á voragem  
Que é descanso a tanta lida.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

E resolvendo acceitar  
A morte que me destinas  
Quero, entre riso e boninas,  
A' dôce campa baixar.

Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Julgando-me adormecida  
Virão os teus labios crús  
Beijar os meus hombros nús  
A que sugaram a vida.

Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Então, o frio da morte  
Desvendar-te-ha a verdade  
E, pungido de saudade,  
Verás como é fraco um forte.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Água passada  
Já nada move.

Quando a terra me cobrir  
O corpo, morto de amôr,  
N'um pezadêlo de dôr  
Viverás como a dormir.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Água passada  
Já nada move.

As horas a que descansam  
Os corações innocentes  
Has-de vêr larvas ingentes  
Que no sepulcro me dançam.

Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Eu venho, beijo-te a testa  
Toda alagada em suor ;  
E na tua fronte mesta  
Succede a paz ao terror.

Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Talvez, quando separada  
Do que em mim é vil materia,  
Ria de tanta miseria  
E folgue de vêr-me em nada.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Porém, mesmo alem da morte  
A minh'alma fica em ti,  
E' por já não estar em mim  
Que tu me serves de norte.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.

Ah! isto d'alma não ter  
E' caso muito embrulhado :  
Dá vida a ser enterrado,  
Empresta gala ao morrer.  
Folha que cai,  
Terra a consome.  
Agua passada  
Já nada move.



## Meu Enlevo

Dá-me que cõlha em teu halito  
Calor que esta alma alimente.  
Não ha nada que avivente  
Como o fogo da paixão !

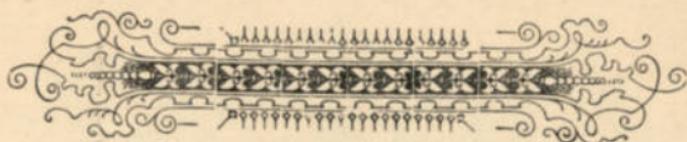
Pára o sangue nas arterias,  
Abrange os ceus, n'um só grito,  
Faz caber o infinito  
N'um pequeno coração.

Achei, querido, em teus labios  
O desdem do mundo, e ceus.  
Não posso ter outro Deus,  
Nem quero ter outra lei.

Como o sol, com sua purpura,  
Offusca todas as estrellas,  
Sommas em ti as parcellas  
Das affeições que deixei.

Em ti, reúne o meu espirito  
Quanto ha bom na humanidade,  
Mostrando a inutilidade  
De haver um mundo melhor.

Quem n'esse teu olhar unico  
Beber o fogo sagrado,  
Tem o ceu por inventado,  
Só crê na força do amôr.



## Pantum Simple

O vento arranca do pomar as flôres,  
Que pés subtis levianamente esmagam.  
Meus olhos vão, para fugir ás dôres,  
Buscar teus olhos que por dó me affagam.

Que pés subtis levianamente esmagam  
O que era ha pouco gala nos pomares ?  
Buscar teus olhos que por dó me affagam  
Tenta o meu espirito atravez dos ares.

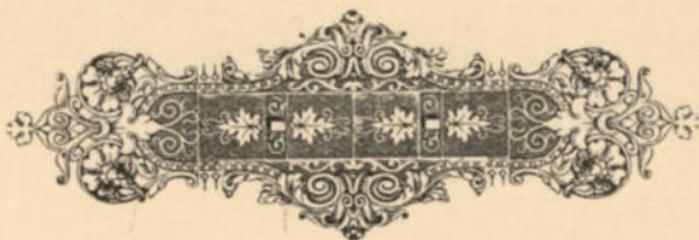
O que era ha pouco gala nos pomares ?  
Florinhas dignas de offertar a Deus.  
Tenta o meu espirito atravez dos ares  
Beber a vida pelos labios teus.

Florinhas dignas de offertar a Deus  
A lorangeira prodiga, semeia.  
Beber a vida pelos labios teus  
Quizera esta alma que o amôr enleia.

A laranjeira prodiga semeia.  
Exhala o solo estonteador perfume.  
Quizera esta alma, que o amôr enleia,  
Poder amar-te sem sentir ciume.

Exhala o solo estonteado perfume...  
D'um leve passo as aves se assustaram.  
Poder amar-te sem sentir ciume  
Quero e descreio. As illusões voaram.

D'um leve passo as aves se assustaram  
E vão nos ninhos saciar amôres.  
Quero e descreio. As illusões voaram :  
O vento arranca do pomar as flores !...



## Pantum Dobrado

### I

Baixa a treva lentamente. . .  
O sol sumiu-se no mar.  
Ninguem pode o mal que sente  
Por qualquer outro trocar.

Baixa a treva lentamente...  
Arranquei o coração. . .  
Deixando em fogo o poente  
Finda a tarde no verão.

O sol sumiu-se no mar.  
Que triste o morrer do dia!  
Por qualquer outro trocar  
Este mal, que mal faria?

I

Que triste o morrer do dia  
N'um solemne agonisar!  
Este mal, que mal faria  
Para o lograr deslembrar!

N'um solemne agonisar  
Finda a tarde no verão.  
Para o lograr deslembrar  
Arranquei o coração.

Finda a tarde no verão  
Deixando em fogo o poente! ..  
Arranquei o coração...  
Baixa a treva lentamente.

Baixa a treva lentamente . .  
Arranquei o coração . .  
Deixando em fogo o poente  
Finda a tarde no verão.

Arranquei o coração  
Para o lograr deslembrar.  
Finda a tarde no verão  
N'um solemne agonisar.

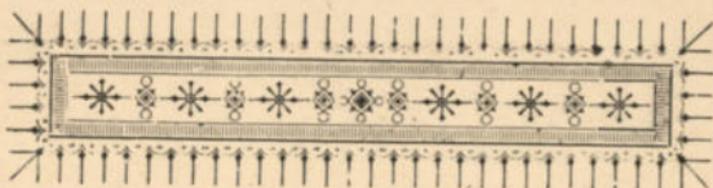
Para o lograr deslembrar  
Este mal, que mal faria ! . .  
N'um solemne agonisar  
Que triste o morrer do dia !

II

Este mal que mal faria  
Por qualquer outro trocar?  
Que triste o morrer do dia!  
O sol sumiu-se no mar. .

Finda a tarde no verão,  
Deixando em fogo o poente.  
Arranquei o coração ...  
Baixa a treva lentamente ...

Por qualquer outro trocar  
Ninguém pode, o mal que sente.  
O sol sumiu-se no mar.  
Baixa a treva lentamente.



## A meu filho José

Tu dormes, meu dilecto, e que eu não possa,  
N'um somno como o teu,  
Olvidar as agruras d'esta terra,  
Voar contigo ao ceu !

Mas se as preces d'humilde peccadôra  
Não escuta o bom Jesus,  
Pede-lhe tu, pombinho immaculado,  
Que ampare a minha cruz.

Decerto te ouve Deus ; que os innocentes  
Meu filho, são divinos,  
E é grato a um coração todo piedade  
Abrir-se aos pequeninos.



## Na praia

Sentada sobre o caes, na solitaria praia,  
Ouvindo o soluçar da vaga que desmaia,

E desviando o olhar do vasto azu dos ceus,  
Nem noto quanto é bella a obra do meu Deus! . . .

O monte, o prado, a flôr, a verdejante vinha,  
O triste rouxinol, a instavel andorinha

Que, se abandona o lar, lá volve com saudade ;  
O Tejo, em que se espelha o perfil da cidade

Que se espreguiça e estende em posição graciosa;  
O sol que em riso splende, a nuvem côr de rosa,

O manso pinheiral, o curvo semedeiro  
Por onde leva o armento o jovem pegureiro,

Que ao som de dôce avena entresonha venturas  
Sem reparar sequer, que rásga nas agruras

Os descuidados pés: Deus Creador ! tudo isso,  
Se alenta e revigora, a mim não; pois cubiço

Ficar-me a vêr passar as aguas fugitivas,  
Imagem da ventura da qual, Senhor, me privas.

Como ellas, sempre fóge e em vão tento retê-la,  
Que está escripto por Ti, sêr fôsca a minha estrella.

Não fulge, nem sorri, na immensidão sombria,  
Immersa em treva jáz, á treva só se allia.

Vedou-me ao coração todo e qualquer prazer,  
Mostra-lhe bôa a morte e nem lhe dá morrer.

No resoar do mar eccoa o seu lamento  
E o som do seu suspiro é que repete o vento.

Solidão ! solidão ! grande suavisdôra,  
Amiga deste sêr que não affaga ou doura

Compadecido engano, ora e sempre te quero  
Pois a não ser de ti já nenhum bem eu espero !...

Enterrar-me n'este ermo, sósinha, sem ninguem ;  
Deslembrar-me que um dia, após um outro vem,

Olvidar que vivi, que amei, que fui amada :  
Ficar-me a ouvir mugir as aguas na enseada :

Não ter a quem fallar, nem voz que me responda  
Se não do vento a uivar e do cahir da onda :

Sentada sobre o caes, eternamente olhando,  
Que como as aguas vão, a vida vae passando !.

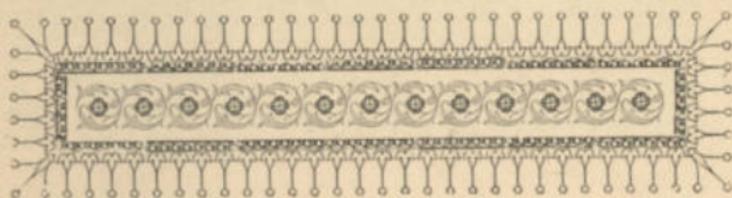
Por dentro, a quietação, o vacuo, a paz, o nada,  
Por fóra estatua muda, em tudo inanimada.

Solidão ! solidão ! tudo mais fére e opprime :  
Torna bôa a torpeza e a caridade um crime.

Solidão ! solidão ! concede-m'a, meu Deus,  
E s'inda posso haver, piedade aos olhos teus

Pára-me n'este instante o espirito doente  
Se queres qu'ainda te ame, e seja ainda crente.

Ou volve-me a illusão que arrancáste, sem dôr  
E onde só leio affecto, leia outra vez amôr !



## Visão do ceu

Eu amo a nuvem doirada  
Que vagueia pelos ceus.  
Amo a noute, quando a terra  
Envolve em seus negros veus.

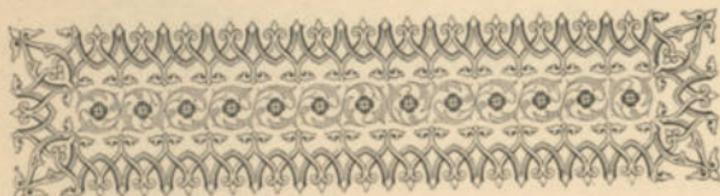
'Amo a estrella scintillante  
Com o seu grato fulgor.  
Eu amo o brilho da lua  
De que a prata imita a côr.

Amo o barco que fluctua  
Do meu patrio Tejo á flor,  
Amo o canto d'avesinha  
Que só diz—amôr, amôr.

Amo a tarde quando o occaso  
Tinge o céu de varias côres.  
Amo o bosque que o acaso  
Matiza com lindas flores.

Amo da pomba a doçura,  
Do tigre a ferocidade;  
Amo do cysne a brancura  
E da aguia a liberdade.

Mas o que sobretudo amo  
E', dilecto, um olhar teu,  
Que nas tristezas da terra  
Mostra os encantos do ceu.



## Mote alheio

Como não se desespera  
Quem se vê, como eu me vejo?!  
Perto donde não quizera,  
Longe donde me desejo.

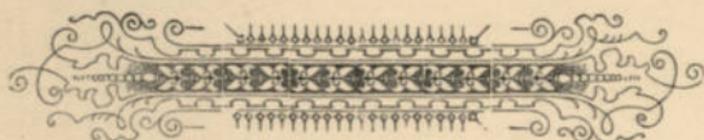
## Glosa

*Como não se desespera*  
Quem nada tem a esperar?  
Porque o coração impera  
Em vez da razão mandar.

*Quem se vê, como eu me vejo,*  
Herva pisada no chão,  
Pensa: é certo que rastejo,  
Mas não me arrasta o tufão

*Perto donde não quiçera.*  
Ao solo lancei prisões  
Mais fundas do que as da hera,  
Não me levam affeições

*Longe donde me desejo.*  
Bem que, arrancando-me a vida,  
Dão-me maguas, por cortejo,  
Eterna dôr por jazida.



## O ideal d'um triste

Morrer, de morte eterna, ao bem, ao mal, a tudo,  
Será, será fraqueza. E é, que não me illudo.

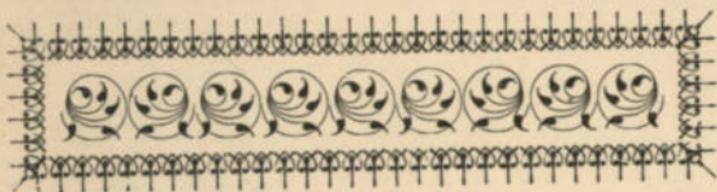
Mas é quanto me pede o corpo fatigado ;  
E' o somno da campa em nada perturbado . .

E' o dormir do espirito em que nada se agita .  
Nem mesmo o pensamento um dia ressuscita.



## **Epilogo**





## Epilogo

Dissiparam-se os nimbos. Sol radioso,  
Nas fartas ramas de arvoredo umbroso,  
Transmuda gottas d'agua em diamantes.

Assim, aquelles que os meus versos lêrem,  
Lhes darão vida e côr ; e, se entenderem,  
Dirão que não perderam uns instantes.



1870

1870



## INDICE

### CARTAS AO EDITOR

<i>de</i> Bulhão Pato.....	IX
<i>de</i> J. de Sousa Monteiro .....	XV
DEDICATORIA .....	1

### Sonetos

Nimbos.....	2
Ao leitor . . . . .	3
Um sonho.....	4
Deo Sacrificium.. . . . .	5
Bulhão Pato.....	6
Ao mestre.....	7
Zelos.....	8
Resoluções .....	9
Na vida... . . . .	10
O meu sol.....	11
Quando eu morrer. . . . .	12
Partiste esta manhã . . . . .	13
A meus filhos. . . . .	14
Lamento d'um inconstante I.....	15
"    "    "    II.....	16
"    "    "    III.....	17
"    "    "    IV.....	18
"    "    "    V.....	19
O que só termina com a morte.....	20
E' possível amar quem me aborrece?.....	21
Ciume .....	22
Que dôr.....	23
Como eu amo . . . . .	24
De noute... . . . .	25

Apparencias . . . . .	26
Mal por mal.. . . . .	27
Anceio..... . . . .	28
* * * . . . . .	
Se constancia tivesses... . . . .	29
Amei ? I . . . . .	30
» II . . . . .	31
» III . . . . .	32
Foi desigrio da tua Providencia . . . . .	33
Após uma jornada d'amargura . . . . .	34
Como pensam mulheres . . . . .	35
Dôr que excede todas... . . . .	36
Repete-o alto . . . . .	37
Cheguei tarde..... . . . .	38
O futuro existe em nós I. . . . .	39
» » » » II . . . . .	40
» » » » III . . . . .	41
» » » » IV . . . . .	42
» » » » V . . . . .	43
Na Aldeia .. . . . .	44
A voz Amada..... . . . .	45
A Freira . . . . .	46
O Frade..... . . . .	47
N'um bilhete a minha avó. . . . .	48
Antes a duvida . . . . .	49
A' palmatoria..... . . . .	50
Ai de mim !..... . . . .	51
Um recurso famoso !. . . . .	52
Tempestade . . . . .	53
20 de agosto . . . . .	54
Desilludidos Modernos . . . . .	55
	56

## Villancetes e Glosas

Ouvi-vos clamar chorando: . . . . .	59
Nas voltas de vossos olhos . . . . .	60
Amei gentil cotovia. . . . .	62
Não com zêlo de bondade . . . . .	64
Praz-vos vêr a minha dôr . . . . .	66
Verás como é bom morrer . . . . .	68
A vida nos leva á morte... . . . .	70
Como aguia, que das alturas . . . . .	72
Perguntaes se me escalavra. . . . .	74
Como não hade apiedar-me, . . . . .	76
Como abrandar meu queixume ?... . . . .	78
Mais alva do que alvo cysne. . . . .	82
<i>Mote alheio</i> —Eu, por mal dos meus peccados . . . . .	83
Os teus ciumes, moreno, . . . . .	86
Magoa-me o teu desleixo... . . . .	88
Affligido e desvairado. . . . .	91
Suspiras d'olhos cerrados . . . . .	94
O' bôca breve e rosada, . . . . .	95
A vós renunciareis . . . . .	98
Tem amôr'raro condão... . . . .	101

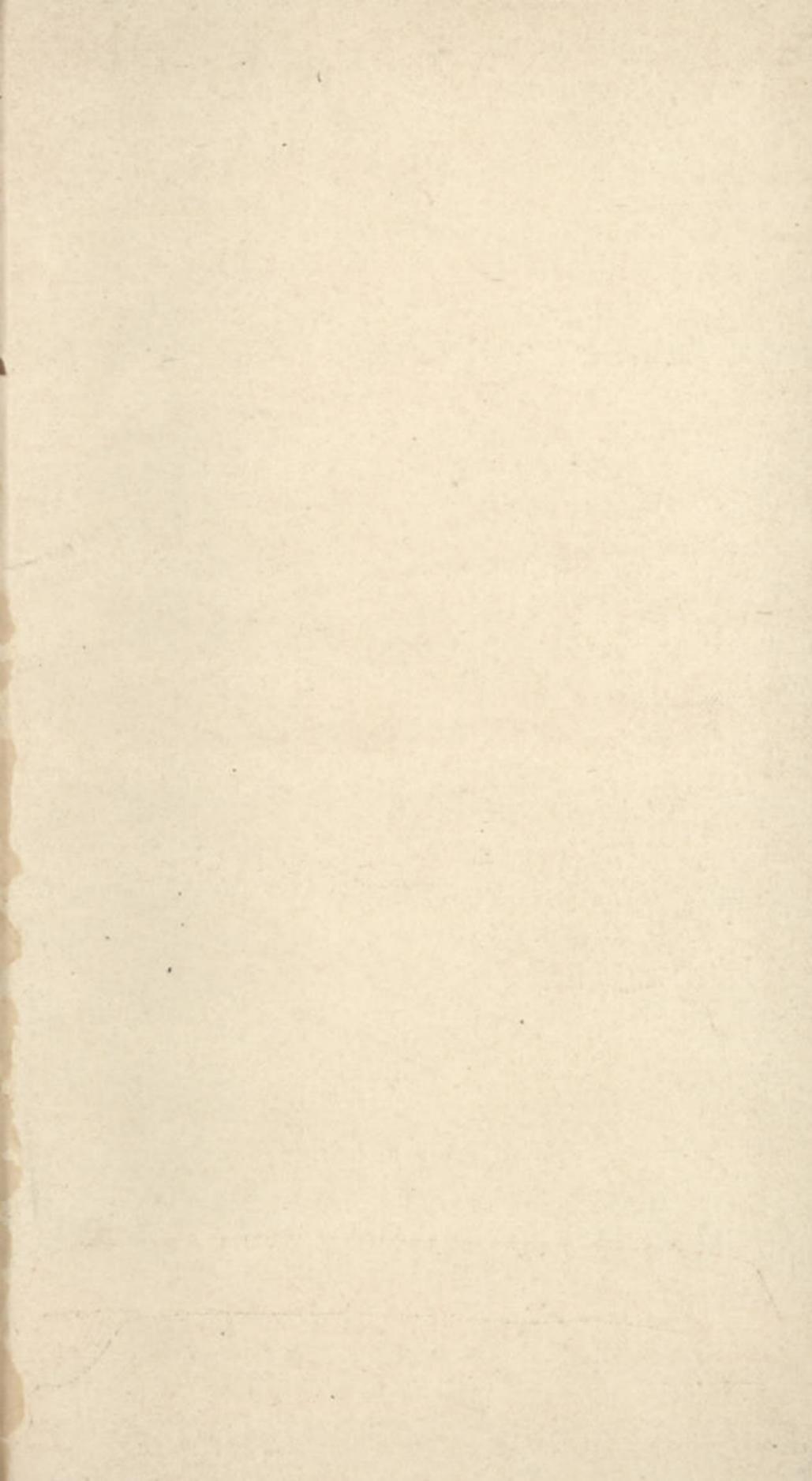
## Metros diversos

Pantum Malaio... . . . .	105
Alma portuguesa, . . . . .	107
Para a guitarra... . . . .	110
Oh! a felicidade! . . . . .	116

Equilíbrio instavel. . . . .	118
A vaidade do mal. . . . .	120
Fragmento d'um poema. . . . .	121
Não pensáste. . . . .	124
Natal d'um transviado. . . . .	126
* * *	131
E' a experiencia que o diz. . . . .	135
Apreciação infantil. . . . .	139
Conversão. . . . .	140
A' desgarrada. . . . .	143
Dois Occasos. . . . .	147
Que olhos! . . . . .	148
Quadro. . . . .	155
E vós, quasi consolada . . . . .	161
Só . . . . .	154
<i>Mote alheio</i> —Conchita d'antes cantava . . . . .	156
<i>Mote alheio</i> —Amor, és flôr d'abril; amôr és flor d'um dia . . . . .	158
Cantiga. . . . .	160
Meu Enlevo. . . . .	166
Pantum simples. . . . .	168
Pantum Dobrado. . . . .	170
A meu filho José. . . . .	174
Na praia. . . . .	175
Visão do ceu. . . . .	179
<i>Mote alheio</i> —Como não se desespera. . . . .	181
O ideal d'um triste . . . . .	183

## Epilogo

Epilogo. . . . .	187
------------------	-----



1908